



UNIVERSIDADE D
COIMBRA

Tatiana Filipa Simões Silva

**PERSONALIDADE E MENTIRA: A DETEÇÃO DA
MENTIRA EM POPULAÇÕES PRESIDÁRIAS, POLICIAIS E DA
COMUNIDADE GERAL**

**Dissertação no âmbito do Mestrado de Psicologia Clínica Forense orientada
pelo Professor Doutor Rui Alexandre Paquete Paixão e apresentada à
Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade de
Coimbra**

setembro de 2023

Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade de
Coimbra

Personalidade e Mentira: A deteção da mentira em populações presidiárias, policiais e da comunidade geral

Tatiana Filipa Simões Silva

Dissertação no âmbito do Mestrado de Psicologia Clínica Forense orientada pelo Professor
Doutor Rui Alexandre Paquete Paixão e apresentada à Faculdade de Psicologia e de Ciências
da Educação da Universidade de Coimbra

setembro de 2023



UNIVERSIDADE DE
COIMBRA

Resumo

A mentira reporta-se a um comportamento ou atitude há muito tempo observada e debatida, podendo ser identificada através de manifestações voluntárias. Apesar de, em muitas ocasiões, a mentira ser notoriamente difícil de detetar e poder implicar consequências mais ou menos graves para o agente, parece que algumas pessoas são melhores a realizar essa tarefa do que outras, mesmo que os fatores que contribuem para a precisão da deteção da mentira não sejam bem compreendidos. Ainda que não existam evidências capazes de o corroborar claramente, um corpo crescente de pesquisas destaca o papel da constelação de personalidade designada “Triade Negra” na deteção do engano, devido ao seu frequente envolvimento em comportamentos dessa natureza. A presente investigação insere-se neste âmbito e pretende contribuir para uma melhor compreensão dos comportamentos de mentira. Com o objetivo de avaliar a capacidade de diferentes personalidades para detetar a mentira e os processos de deteção que utilizam, procedeu-se à análise e comparação dos desempenhos de 50 sujeitos do sexo masculino, examinados em contexto prisional e social. Os resultados revelam que a população policial apresenta valores médios ligeiramente superiores à população presidiária no reconhecimento do engano. Comparativamente com a comunidade geral, a taxa de precisão difere significativamente. No que diz respeito ao efeito da personalidade na deteção da mentira, apenas foram encontradas evidências do papel preditor dos traços psicopáticos. Atendendo ao número reduzido da amostra analisada, importa no futuro dar continuidade aos estudos neste domínio, incluindo avaliações dos sujeitos com outros instrumentos, bem como informações paralelas junto de fontes externas, de modo a assegurar uma maior validade na interpretação dos dados.

Palavras-chave: População reclusa; deteção da mentira; validação de testemunhos; indicadores de mentira; personalidade e mentira

Abstract

Lying refers to a behavior or attitude that has long been observed and debated, being identified through voluntary manifestations. Despite the fact that lying is frequently and notoriously difficult to identify and can have more or less serious repercussions for the offender, it appears that some people are better at this task than others, even if the factors that contribute to the accuracy of lie detection are not well understood. Although a paucity of supporting evidence, a rising corpus of research emphasizes the "Dark Triad" personality constellation's importance in spotting dishonesty due to its frequent engagement in such actions. This study is part of the framework and seeks to improve understanding of lying behaviors. We investigated and compared the performance of 50 male individuals who were tested in social and prison contexts with the goal of evaluating the capacity of various personalities to detect falsehoods and the detection methods they employ. The results revealed that the police population has slightly higher average values than the prison population when it comes to recognizing deception. Compared to the general community, the accuracy rate differs significantly. With regard to the effect of personality on lie detection, only evidence of the predictive role of psychopathic traits was found. Future research in this area should be carried out in order to assure better validity in the interpretation of the data. This includes evaluating the individuals using additional instruments and parallel information from other sources.

Keywords: Prison Population; Deception Detection; Testimonial Validation; Lie indicators; Personality and liar.

Agradecimentos

Um dia disseram-me que tudo tem o seu determinado tempo e que nada na vida te impede de conseguires, a não seres tu própria. Estou quase a dar por terminada esta fase incrível e irei dar começo a algo que virá em grande, sem sombra de dúvida. Ao fim de 5 anos, o objetivo está perto de se tornar real e, não posso deixar de dar os meus mais sinceros agradecimentos a todos que, das mais diversas formas, contribuíram para a sua concretização.

Ao Professor Doutor Rui Paixão, pelos imensos conhecimentos que me transmitiu, a curiosidade científica que em mim suscitou, a cordial postura e, sobretudo, pela sua autenticidade e honestidade.

A toda a equipa extraordinária do Estabelecimento Prisional de Caldas da Rainha, nomeadamente à Dr^a Maria Helena Cardoso e à Dr^a Susana Carvalho, por toda a disponibilidade e colaboração. Obrigada pela confiança, segurança, profissionalismo e dedicação com que exercem as suas funções, pelo sentimento de pertença e, também, pelas inúmeras gargalhadas que partilhámos.

A todos os elementos do Corpo da Guarda Prisional que acreditaram no meu trabalho e que, de certa forma, o tornaram exequível.

Aos reclusos que fizeram parte desta experiência, por me ensinarem a tolerância, o autocontrole, a perseverança e outras qualidades que, sem esta vivência, eu jamais conheceria. Obrigada por me ensinarem a olhar para vós de outra forma, desejo-vos que as grades não sejam um impedimento para o sonho, mas sim motivação para a conquista da liberdade.

A toda a minha família, ainda que as conquistas alcançadas ao longo destes anos sejam fruto da minha paixão e dedicação por esta área, em muito se devem ao amor e sacrifício por eles protagonizados. O meu mais sincero obrigada, sem vocês não teria sido possível. A ti,

Vicente, por seres a minha fonte de alegria e motivação e a quem deixo esta dissertação. Lembra-te, a parte mais difícil é ultrapassar a resistência inicial.

À minha mãe que é o que de mais bonito o mundo já fez, é o desejo de eternidade mais profundo, a saudade mais intensa e constante, a segurança que não desaparece e o colo que sabe a casa. É a alma que vibra com toda a música e todas as cores, que se alegra com as coisas mais pequenas, mas que nunca deixou de desejar as maiores. É o sonho de qualquer filho e não a trocava por qualquer outra coisa no mundo. Pudesse eu pedir um único desejo e seria que fosse eterna.

A ti Sara, por seres a personificação de persistência, de resistência, de integridade, rigor e assertividade sem que nada disso te retire o teu lado mais humano, mais terno e mais meigo. Serás sempre parte de mim!

A ti Inês, por seres a certeza de que nunca estou sozinha, mesmo quando a caminhada parece solitária. És talvez a pessoa menos condescendente contigo própria e com o mundo sem deixares de ser a mais compreensiva e disposta a ajudar. És o exemplo de que não há desculpas quando não há esforço, mas que qualquer falha é desculpável quando há empenho. És a alma sofrida, que não esconde nenhuma lágrima, mas que as limpa com o sorriso mais bonito do mundo.

A todos vocês, amigos e amigas, e a quem não mencionei diretamente, mas que tornaram esta jornada incrível, obrigada! Graças a vós, a pessoa que sai desta aventura não é de todo a mesma que a começou.

Coimbra, a ti, um obrigada. Sempre foste bonita, mas realmente na despedida tens outro encanto.

Por último, mas não menos importante, um especial agradecimento à instituição que ficará para sempre no meu coração.

Índice

Enquadramento conceptual/Revisão da literatura	3
Definições: falsidade e mentira	3
Comportamento Verbal, Não-verbal e Mentira	7
Personalidade e Mentira	12
Objetivos	16
Metodologia	17
Amostra	17
Instrumentos	18
<i>Questionário Sociodemográfico</i>	18
<i>Marlowe-Crowne Social Desirability Scale</i>	19
<i>Narcissistic Personality Inventory- 13</i>	19
<i>Machiavellian Personality Scale</i>	20
<i>Psychopathy Checklist Revised</i>	21
<i>Wechsler Adult Intelligence Scale- Third Edition</i>	23
<i>Instrumentos relativos ao procedimento de avaliação</i>	24
<i>Vídeos</i>	24
Procedimento de recolha de dados	25
Procedimento de tratamento de dados	27
Resultados	28
Discussão	36
Conclusões	42
Bibliografia	45
Anexos	63

Índice de tabelas

Tabela 1 – Caracterização dos participantes.....	17
Tabela 2 – Dados jurídico-penais dos participantes.....	18
Tabela 3 – Estatísticas descritivas: Diferenças de Médias e Desvios-Padrão nas variáveis Personalidade.....	28
Tabela 13 -Estatísticas Descritivas: WAIS-III	30
Tabela 14 – Distribuição das taxas de precisão na detecção da mentira.....	31
Tabela 15 - Distribuição dos níveis de detecção nas duas condições (simulação e honestidade).....	31
Tabela 16 - Comparação QI vs percentagem de precisão.....	33
Tabela 17 - Estatísticas descritivas de todas as variáveis em estudo (indivíduos com traços psicopáticos)	34
Tabela 18 - Comparação sugestionabilidade social vs percentagem de precisão.....	35

Introdução

Enganar, mentir ou simular é um comportamento importante e que faz parte do cotidiano das pessoas. Acontece por uma grande multiplicidade de motivos, mas um dos exemplos mais comuns inclui a mentira protetora da relação ou do outro: quando, por exemplo, apreciamos positivamente um presente que, na verdade, detestamos (Vrij, 2008).

A mentira é, pois, um comportamento bastante presente nas nossas vidas, em que tentamos enganar os outros mais que uma vez por dia e procuramos, também, descobrir se os outros nos estão a enganar (Culbertson et al., 2016). No entanto, parece ser mais fácil mentir do que detetar a mentira (Jupe et al., 2018). Apesar das crenças em contrário, a investigação tem corroborado que a precisão da maioria dos indivíduos na deteção de mentiras é relativamente baixa (Bond & DePaulo, 2006; Hartwig, & Bond, 2014; Schindler et al., 2021). Embora tal desempenho não seja impressionante, alguns estudos experimentais têm identificado pessoas que se destacam nesta tarefa (Warren et al., 2009). Nesta situação, encontram-se, aparentemente, as populações reclusas que parecem dispor de uma melhor capacidade de discriminação entre mensagens falsas e verdadeiras (Hartwig et al., 2004; Jupe et al., 2016; Thompson & Malloy, 2005; Schindler et al., 2021).

Acredita-se que, ao mentir, os indivíduos espontaneamente revelam indicadores que denunciam a mentira. Por este motivo, a observação e identificação de comportamentos verbais e não-verbais ou psicofisiológicos, têm sido analisados como potenciais detetores de mentira (Gamer et al., 2006). Neste domínio, tem-se verificado que a população reclusa detém melhores conhecimentos sobre as relações entre comportamentos não-verbais e mentira que os indivíduos associados profissionalmente à justiça e à deteção da mentira. Estes indivíduos tendem, assim, a apresentar uma maior taxa de precisão na deteção destes comportamentos,

mantendo crenças menos estereotipadas acerca dos processos relevantes para a tarefa (Hartwig et al., 2004; Schindler, 2021). Estes resultados, podem ser explicados pela permanência num ambiente hostil e imprevisível, que os torna mais sensíveis a pistas específicas e afeta o desenvolvimento da sua personalidade, propiciando a aquisição de determinados traços perversos (Birkás et al., 2020).

A partir de dados empíricos referentes a esta temática, pode presumir-se que a população criminal difere em certos traços de personalidade, com os criminosos a apresentar valores mais extremos nos traços da constelação de personalidade designada “Tríade Negra” (narcisismo, maquiavelismo e psicopatia) (Coid et al., 2009; Turi, 2022). Para explorar essa ideia, foram incluídos instrumentos que avaliam estes três tipos de personalidade no presente estudo.

Esta investigação pretende analisar a capacidade relativa de deteção de comportamentos de simulação numa população criminal, comparando-a com sujeitos da população geral e do Corpo da Guarda Prisional. Uma vez que ser interrogado repetidamente pode amplificar o conhecimento sobre quais as estratégias falaciosas que são mais eficientes para enganar os outros (Hartwig et al., 2004), espera-se que os reclusos sejam menos tendenciosos e julguem pistas de engano com maior precisão do que as populações geral e policial que, à partida, terão crenças semelhantes. Adicionalmente, esta investigação objetiva avaliar e clarificar a relação entre as personalidades de tipo psicopático, manipulador, maquiavélico e narcísico e a mentira, no sentido de perceber se os níveis de precisão da deteção serão uma função do tipo de personalidade.

Enquadramento Conceptual

Definições: Falsidade e Mentira

A falsidade e a verdade são conceções que pertencem a uma dimensão independente da mentira. Estes conceitos fazem alusão à precisão com que uma afirmação reflete a realidade. Uma afirmação falsa pode surgir por imprevisto ou, meramente, por desconhecimento (Vrij, 2008), não consistindo, por isso, numa mentira. Tal como fazer uma afirmação verdadeira não significa não estar a mentir. Existem verdades que motivam falsas interpretações e que, por esse motivo, se tornam em verdadeiras mentiras, ainda que a comunicação não tenha incluído uma transmissão verdadeiramente (em termos absolutos) incorreta (Vrij, 2008).

De acordo com Furedy (1986), a natureza da mentira não está na falsidade ou verdade objetiva da comunicação, mas sim na intencionalidade com que se pratica (Vrij, 2008). Este comportamento pode ser definido como uma tentativa deliberada, bem-sucedida ou não, de ocultar ou distorcer qualquer informação, por meios verbais e não-verbais, a fim de criar ou manter no outro uma crença que o próprio comunicador considera falsa. Assim, identificar uma mentira é detetar a intenção da alteração de uma informação (Masip et al., 2010; Hartwig, 2014).

A deteção da mentira é um procedimento que consiste não só na observação dos indicadores associados à mentira como na sua interpretação. A precisão na deteção implica o reconhecimento, por parte dos detetores, da ocorrência da mentira e da informação que é ocultada, dependendo tanto da capacidade do comunicador para mentir como da capacidade do recetor para detetar (Vrij, 2008).

A questão da mentira, e da necessidade em a detetar, está enraizada na nossa cultura. Ela faz parte do nosso quotidiano e, em certas circunstâncias, é admissível, esperando-se que

seja isso mesmo que suceda. A mentira é construída em todos os níveis da relação, podendo tornar-se num problema psicopatológico quando utilizada de forma compulsiva, ou até mesmo quando existe a permanente desconfiança de se estar a ser enganado por terceiros (Vrij, 2008).

As pessoas mentem por variadas razões, principalmente, quando a sinceridade pode converter-se num poderoso desorganizador das relações sociais que mantêm. Ocasionalmente, mentem para obter um qualquer privilégio, para evitar uma punição ou para se protegerem de críticas. As pessoas enganam, também, para o benefício de uma outra pessoa ou para privilegiar essa outra pessoa (DePaulo et al., 2003; Lourenço, 2018).

A sua deteção é um ponto crucial em contextos forenses, nomeadamente em termos judiciais e policiais. Identificar quem mente tem sido a finalidade dos sistemas de justiça ao longo de todos os períodos históricos (Frank & Ekman, 2004; Klaver et al., 2009). Porém, na realidade, os indivíduos são melhores a simular do que propriamente a detetar o engano (Jupe et al., 2018). A investigação tem demonstrado uma precisão média de cerca de 54% na deteção destes comportamentos pela população em geral. (Bond & DePaulo, 2006; Roulin, & Ternes, 2019).

A razão desta evidência abrange uma multiplicidade de motivos, desde o facto de os indivíduos possuírem crenças incorretas acerca do modo como identificar alguém que tenciona mentir (Hartwig & Bond, 2011; Schindler et al., 2021), até ao facto de não se encontrarem verdadeiramente motivadas para isso, ou até porque, simplesmente, que quem engana consegue fazê-lo muito bem (Bond & DePaulo, 2008; George et al., 2014). Frequentemente, os observadores admitem as mentiras quase como uma defesa, pois estas podem ter consequências desastrosas para as suas vidas (Vrij, 2008).

A forma como os estudos experimentais desta temática são orientados explica, em parte, esta descoberta. Por norma, um conjunto de sujeitos é trazido para um ambiente experimental onde são instruídos para dizer algo “verdadeiro” ou “falso” relativamente a determinados assuntos. Estas declarações são gravadas, usualmente em vídeo, e apresentadas a terceiros que nunca interagiram nem conhecem estes sujeitos, a fim de julgarem a sua veracidade. Os comportamentos são, então, avaliados através de sistemas de codificação e as médias das frequências das ocorrências de determinado tipo de comportamentos são comparados (George et al., 2014).

A tarefa de deteção em laboratório, comparativamente com aquilo que acontece no dia-a-dia, levanta alguns problemas, como o facto de os observadores terem de decidir apressadamente; observarem a mentira apenas por um curto período; as supostas mentiras não terem implicações negativas; e os observadores avaliarem pessoas que desconhecem, não estando, por isso, familiarizados com as suas condutas. Contudo, destacam-se alguns aspetos que poderão facilitar esta tarefa: no laboratório, as amostras utilizadas incluem pessoas forçadas a mentir que, eventualmente, são inexperientes e não o fazem com regularidade, pelo que se pressupõe que serão mais fáceis de detetar; os observadores, sabendo que alguém estará necessariamente a enganar, observam minuciosamente cada suspeito; e, por fim, os impostores podem ter de mentir acerca de temas que desconhecem (Vrij, 2008).

A investigação tem validado que mentiras de alto risco são mais fáceis de detetar, visto estarem ligadas à falsificação de emoções (Lyons et al., 2013; Lyons et al., 2017). No entanto, os relatos adquiridos em ambiente experimental não cingem, claramente, riscos tão elevados como aqueles que se presencia em situações policiais (como, por exemplo, arguidos, burlas e corrupção). As condições laboratoriais nunca revelarão como é que os indivíduos se

comportam quando o que está em jogo são situações dessa natureza (Zhang et al., 2022). Aliás, também não seria eticamente admissível considerar laboratorialmente situações destas.

Apesar do fraco desempenho, os profissionais da detecção da mentira detêm convicções muito fortes relativamente às suas aptidões, mas a literatura tem vindo a destacar que se de facto possuem algum benefício em encontrar a mentira, esse benefício é irrisório (Baker et al., 2013; Roulin & Ternes, 2019). Uma explicação proposta para esta performance é a falta de sobreposição entre as pistas que a investigação tem evidenciado estar associadas à mentira (objetivas) e as pistas que as pessoas acreditam estar relacionadas (subjetivas) (Hartwig, 2004). De qualquer forma, importa realçar que, apesar das múltiplas evidências descritas na literatura da especialidade, não existem indicadores de mentira específicos e definitivos, ainda que certos comportamentos sejam mais prováveis de ocorrer que outros, pois a mentira é um comportamento inespecífico (DePaulo & Morris, 2004). E o comportamento do impostor dependerá da sua personalidade e das circunstâncias em que decorre a mentira (Vrij, 2008).

Os comportamentos evidenciados pelo simulador intencional têm associadas, muitas vezes, presunções erradas, que podem ser explicadas pela questão da experiência pessoal, isto é, a tendência para recordar o comportamento que alguém apresentava enquanto mentia e generalizar; pelas dissemelhanças entre os indicadores objetivos e subjetivos que refletem a ideia que os sujeitos têm relativamente aos comportamentos que deixam transparecer enquanto mentem, geralmente diferentes daqueles que os outros exibem quando perpetram a mesma ação; e pelo desconhecimento, por parte dos observadores, que o comportamento emitido pelo mentiroso varia consoante as circunstâncias com que este se depara (Vrij, 2008).

Comportamento Verbal, Não-Verbal e Mentira

Os observadores tendem a centrar-se em indicadores não-verbais quando não existe informação suficiente para apurar a veracidade de um testemunho (Culhane et al., 2015). Assumem, portanto, que é mais difícil os indivíduos regularem o seu comportamento não-verbal, surgindo elementos comportamentais descontrolados, contrariamente do que ocorre com o comportamento verbal, menos difícil de controlar (Hartwig et al., 2004). Por essa razão, tentam detetar a mentira com base em indicadores não-verbais (contacto visual e mobilização do corpo), esquecendo os sinais verbais (Roulin & Ternes, 2019).

De facto, os indivíduos possuem uma maior capacidade de domínio e uso da palavra comparativamente às suas reações corporais. A priorização da palavra nas trocas de informação impulsiona uma maior consciência relativamente ao que as pessoas dizem, e não tanto à sua reação quando o dizem. E, dificilmente controlam o seu comportamento quando não sabem, ou não têm perceção, daquele que é o seu comportamento habitual. Atendendo a esta dificuldade em controlar o comportamento em termos não-verbais, este poderá ser um recurso eficaz no despiste da mentira (Vrij, 2008).

Os comportamentos de “simulação” diferem consoante o indivíduo, isto é, de acordo com as suas características individuais, as emoções experienciadas durante a mentira, a sua motivação para mentir, o processo de pensamento da mentira e as suposições do observador (Ekman, 2001; Warren et al., 2009).

A mentira pode desencadear múltiplas emoções como o medo, a culpa e a ansiedade/excitação (Paulhus & Williams, 2002; Semrad et al., 2019) que, inevitavelmente, vão influenciar o comportamento do suspeito. A excitação e o medo podem reverter em indícios de stress (Nortje & Tredoux, 2019), como o aumento das hesitações no decorrer do

discurso, acompanhado de um tom de voz mais alto, um maior número de imprecisões e a ampliação de movimentos corporais. Já a culpa, é suscetível de motivar um contacto ocular pouco regular, uma vez que o mentiroso evita o alvo durante a mentira (Vrij, 2008).

Enganar pode ser uma tarefa cognitiva complexa (Van't Veer et al., 2014; Turi, 2022), visto que exige um pensamento antecipado das respostas por parte do mentiroso, de forma a manter um discurso coerente, isto é, requer esforço para garantir que as afirmações são concordantes entre si. As investigações confirmam que tarefas cognitivas complexas revertem em maiores hesitações no discurso verbal, mais incorreções, uma velocidade de fala mais lenta e pausas mais longas e frequentes (Bogaard et al., 2016; Henningsen et al., 2005; Tigue et al., 2012; De Waele, 2020). A complexidade cognitiva suscita, igualmente, um decréscimo dos movimentos dos membros e um evitamento de expressões fixas (Sporer & Schwandt, 2007; Nortje & Tredoux, 2019).

A intensificação do processamento cognitivo, de facto, origina atrasos nas reações, inclusive na fala. As exposições sobre a mentira evidenciam que simular pode causar inquietação, o que eleva a tensão muscular em todo o corpo, incluindo os músculos laríngeos que regem a voz, originando um tom vocal mais alto (Bóna & Bakti, 2020; Giddens et al., 2013; Mazza et al., 2019; Zhang et al., 2022).

No entanto, estas dimensões somente preconizam indicadores de mentira, não firmam que estas manifestações serão forçosamente indicativas de um comportamento intencional de simulação. E até porque estes sinais só se tornam perceptíveis se o indivíduo sentir esse comportamento como complexo ou emotivo, caso contrário, são difíceis de surgir (Vrij, 2008).

As pessoas tendem a vincular a mentira a períodos de latência extensos, a um maior número de pausas e distúrbios no discurso, a uma entoação mais elevada, a uma desaceleração

do discurso, sorrisos, evitamento do olhar, pestanejar e múltiplas automanipulações (movimentos do tronco, pés, mãos, dedos e alterações de postura). Os mentirosos experimentam respostas de stress intensificadas, o que resulta na alteração da atividade do sistema nervoso autónomo, o que é muitas vezes associado aos sinais de nervosismo ligados ao ato de mentir. Em contraste, presume-se que quem diz a verdade não possui razões para demonstrar maior excitação fisiológica (Nortje & Tredoux, 2019). Porém, este é um padrão errático, pois o mentiroso não aparenta estar mais inquieto nem piscar mais os olhos ou fazer evitamento, a não ser que a mentira envolva implicações significativas (Alaskar, 2023).

Os observadores centram-se no rosto para decodificar a emoção e são, particularmente, sensíveis ao contacto visual direto (Bailenson, 2021; Mirsadikov & George, 2023). Paul Ekman (2009) evidenciou, também, que as micro expressões emocionais da face são indicadores relevantes, descrevendo-as como expressões espontâneas relativamente curtas (Alaskar, 2023). As emoções ativam automaticamente um grupo de músculos específicos, em função da emoção, levando a que a pessoa que nega uma emoção dificilmente não seja traída pela expressão muscular dessa mesma emoção. Embora as expressões faciais transmitam sinais significativos, muitas vezes não são suficientes para uma compreensão adequada (Kruzic et al., 2020; Mirsadikov & George, 2023).

Boggard e Meijer (2020), apuraram que o indicador que os indivíduos se centram mais é a ausência de contacto visual (Mirsadikov & George, 2023), por assumirem que os mentirosos necessitam de aprofundar o seu pensamento durante a mentira e, desse modo, evitam fixar o olhar nos ouvintes procurando focar-se nas explicações que têm de elaborar (Vrij, 2008). Contudo, este padrão não tem relação significativa com o engano (Mann et al., 2012; Su & Levine, 2016).

DePaulo e Morris (2004) direcionaram uma meta-análise alusiva a possíveis indicadores de mentira, concluindo que existe uma correlação entre mentir e dilatar a pupila, que é um indício de concentração e tensão. Além disso, identificaram que os espetadores julgam que o indivíduo que mente parece mais apreensivo, estando mais propenso a apertar os lábios e a ter uma voz mais aguda (DePaulo & Morris, 2004; Alaskar, 2023). Outros estudos, identificaram que a mentira está associada ao aumento de gestos que acompanham o discurso, isto é, movimentos funcionais da mão e do braço utilizados para ajudar a manter o ritmo, reforçar o que foi dito ou indicar a direção do pensamento (Alaskar, 2023).

O reconhecimento da mentira pelo comportamento verbal requer especial atenção nas características do conteúdo do discurso (Vrij & Mann et al., 2006; Roulin & Ternes, 2019). A investigação empírica em relação a este assunto, tem-se debruçado sobre as relações entre mentira e depoimentos de negação, informação irrelevante, plausibilidade da resposta, depoimentos super generalistas, respostas diretas e objetivas, duração das respostas e autorreferências (Alaskar, 2023).

Tem-se reconhecido que, à semelhança do comportamento não-verbal, as emoções, a complexidade do conteúdo e o esforço de controlo parecem interferir nestes aspetos do comportamento verbal. Muitas vezes, o conteúdo da mentira suscita culpabilidade, irritabilidade e ansiedade nos indivíduos (Vrij, 2008), resultando numa maior tendência para respostas indiretas e generalizadas, em que o indivíduo não se refere a si próprio de forma explícita, depoimentos negativos e recusa em colaborar, que se pode evidenciar em respostas curtas (DePaulo et al., 2003; Culbertson et al., 2016).

Mentir é, usualmente, mais exigente cognitivamente e nem todos os emissores são bons a inventar uma resposta instantaneamente. Assim, os depoimentos falsos podem ser mais

curtos, aparentarem ser pouco credíveis e não se referirem aos próprios, devido à ausência efetiva de experiência pessoal. Pode, também, dar-se o caso de os mentirosos utilizarem muitas palavras para se expressarem, o que lhes confere mais tempo para pensar, levando a pausas silenciosas e preenchidas (por exemplo, “ah”, “hum”, “oh”, etc.) no discurso (Zhang et al., 2022). Na tentativa de despistar a mentira e de causar uma impressão honesta no observador, os indivíduos acabam por disponibilizar informação irrelevante, no sentido de enriquecerem o seu discurso, visto assumirem que a falta de informação levanta suspeitas (Nahari & Ben-Shakhar, 2013; Bogaard & Meijer, 2020).

A investigação relativamente ao conteúdo do discurso é mais consistente e de acordo com a maioria das diferenças previstas entre os honestos e os mentirosos, do que aquilo que se verifica em relação aos comportamentos não-verbais. A precisão de deteção dos observadores pode efetivamente ser melhorada quando a informação visual é ignorada, concentrando-se mais nos aspetos de conteúdo do discurso verbal. No entanto, logo que o suspeito perceba a perspicácia do observador tenderá a ajustar-se e, conseqüentemente, a tornar a tarefa mais árdua (Roulin & Ternes, 2019). E, aqui, os aspetos da personalidade poderão exercer um papel substancial, no sentido em que os indivíduos mais inteligentes são suscetíveis de exibir menos indicadores verbais comparativamente com outros (Van't Veer et al., 2014).

Embora exista evidências de que erros, hesitações e velocidade de discurso possam indicar um discurso desonesto, os dados são inconsistentes. Os estudos relativos ao tempo de latência, à frequência das pausas e ao tom vocal revelam, igualmente, um padrão confuso. Possivelmente, isto estará correlacionado com o facto de todos os comportamentos que são facilmente manobráveis serem, também, em razão disso, indicadores de mentira medíocres. No entanto, estes resultados não afirmam que todas as pessoas se comportam inevitavelmente deste modo quando mentem, mas apenas que tal acontece com a maioria das pessoas avaliadas em

laboratório. Em muitos destes estudos, a motivação dos intervenientes para mentir é limitada, assim como o contexto em que a mentira se desenvolve, o que pode sugestionar o esforço cognitivo e os mecanismos de excitação que estão a ser explorados (Loy et al., 2018).

Personalidade e Mentira

O ato de mentir é uma estratégia social generalizada com implicações tanto para as relações interpessoais como para a sociedade (Markowitz, 2021). Ao longo dos anos, a pesquisa no campo da deteção de mentiras tem argumentado contra a eficácia dos indivíduos para identificar comportamentos de simulação. Não obstante, ainda prevalecem ambiguidades no que se refere à existência de diferenças individuais na capacidade para detetar mentiras e quais as que se podem relacionar com maior exatidão (Bond & Uysal, 2007; O'Sullivan, 2007; Lyons et al., 2013). A este respeito, vários estudos centram-se nos traços da Tríade Negra, uma vez que a capacidade de deteção parece estar associada à capacidade de produção de mentiras (Wright et al., 2012; Wright et al., 2015), que é uma componente central nesta constelação (Wright et al., 2015; Schindler et al., 2021). Não surpreendentemente, estes traços de personalidade são dominantes em populações criminais (Coid et al., 2009).

A Tríade Negra da Personalidade é uma constelação de três tipos de personalidade subclínicas que inclui o maquiavelismo, o narcisismo e a psicopatia e é, frequentemente, considerada uma estratégia comportamental exploradora. O maquiavelismo caracteriza-se por um estilo interpessoal manipulador, interesse próprio, cinismo e exploração. O narcisismo é definido pela grandiosidade, domínio, egocentrismo, supremacia e direito. Já a psicopatia incide em alta insensibilidade, impulsividade e baixa empatia (Dinić & Jevremov, 2021). Ainda que estes traços aparentem ser distintos, possuem denominadores comuns, tais como a frieza

emocional e a manipulação insensível. Esta insensibilidade tem sido associada a dificuldades no processamento de emoções e a défices de empatia, nomeadamente no que respeita à empatia afetiva (Paulhus & Williams, 2002; Semrad et al., 2019). De acordo com alguns autores, a eficiência desta estratégia é, igualmente, moderada por variáveis como a inteligência (Michels et al., 2020).

A visão típica dos maquiavélicos é que são indivíduos autocentrados, egoístas e manipuladores. Regularmente, contam mentiras auto-orientadas, não se sentindo desconfortáveis quando as dizem, nem julgando esse comportamento cognitivamente difícil (Baughman et al., 2014; Jonason et al., 2014; Wissing & Reinhard, 2019). As outras pessoas são percebidas de um modo cínico, não revelando qualquer preocupação pela moralidade convencional e admitindo claramente que enganarão e manipularão a fim de alcançarem os seus fins. Estas personalidades, por norma, tendem a dominar as relações sociais, quer pela verbalização quer pelo modo como atuam (confiantes, descontraídos, hábeis) (Turi et al., 2022).

Os indivíduos narcísicos dispõem de perspetivas individualistas e de grandiosidade, um elevado sentido de superioridade e de dominância, bem como ideações de magnificência, sucesso ou poder ilimitados (Fatfouta, 2023). Possuem um comportamento de autopromoção guiado pela necessidade de reforço do ego, que se reflete na tendência para explorar os outros nas relações interpessoais. Os narcisistas são predispostos ao comportamento de risco e antissocial, conforme evidenciado pela sua prevalência entre presidiários e criminosos (Krizan & Herlache, 2018; Larson et al., 2015; Elaad et al., 2020).

O termo psicopata é amplamente utilizado tanto por profissionais como pelo público no geral. O psicopata tem associado a imagem de charme superficial que também é capaz de

comportamento violento e sádico. Tem-se assistido a variações do conceito, dentro do domínio profissional, há mais de um século, desde a definição de Pichard de 1835 de “insanidade moral” até ao “superego lacunar” de Freud (Bonta & Andrews, 2017). No entanto, foi Hervey Cleckley (1941; 1978) quem apresentou a descrição clínica contemporânea do psicopata. Baseando-se na sua experiência enquanto psiquiatra, Cleckley verificou três padrões característicos: em primeiro lugar, os psicopatas têm uma aparência externa “normativa”, não manifestam alucinações ou delírios nem parecem particularmente sobrecarregados por ansiedade ou culpa; em segundo, parecem não responder ao controlo social, isto é, apresentam predisposição para o comportamento disruptivo apesar das punições sociais e judiciais; em terceiro, o comportamento criminal não é um requisito necessário para o diagnóstico de psicopatia (Bonta & Andrews, 2017).

Nesse sentido, estudos recentes caracterizam a psicopatia por um afeto superficial e um estilo interpessoal manipulativo, enganador e dominante (Hare, 1999; Michels et al., 2020). Os indivíduos são frequentemente reconhecidos como mentirosos natos, com a mentira, a manipulação e a ausência de remorso como características centrais da psicopatia (Wright et al., 2015). São impulsivos e apresentam uma disposição para uma conduta imoral, antissocial, inapropriada e até violenta (Williams et al., 2007; Turi et al., 2022).

Certas características da Tríade Negra podem ser relevantes para o êxito de contar uma mentira. Acredita-se que a psicopatia implica uma tendência para o baixo afeto interpessoal, mentira recorrente, manipulação e ausência de remorso. Similarmente, o maquiavelismo compreende uma tendência para o engano e manipulação. E, ambos os traços, são motivados pela satisfação dos objetivos pessoais, o que pode resultar numa maior capacidade de mentir. Além de que, a predisposição para mentir pode transformar os indivíduos em talentosos mentirosos, visto que esta competência pode ser aprimorada pela prática. Existem evidências

de que o narcisismo está relacionado à mentira intrapessoal, isto é, ao autoengano. Pelo contrário, a psicopatia e o maquiavelismo estão ligados à produção da mentira interpessoal (Jonason et al., 2014; Paulhus & Williams, 2002; Wissing, 2017). Provavelmente, estas personalidades não serão facilmente detetáveis, pelo facto de não serem psicofisiologicamente ativadas pela mentira. A ativação é o resultado da culpa e do medo, o que pode não acontecer com estas personalidades psicopáticas e maquiavélicas, pois estas são menos ansiosas em relação ao perigo e à punição (Egan et al., 2015; Van Bockstaele et al., 2012; Michels et al., 2020).

A pesquisa alusiva à relação entre a mentira e os traços de personalidade é restrita. Os dados na literatura existente relativamente aos traços de personalidade sombrios e a precisão da deteção da mentira são heterogéneos. Conforme se tem analisado, os indivíduos com alta pontuação nos traços de maquiavelismo aparentam possuir menor precisão na deteção de mentiras, comparativamente àqueles com alta pontuação no narcisismo e psicopatia (Lyons et al., 2017). Contudo, verificou-se que as mulheres maquiavélicas exibem uma maior capacidade de deteção de mentiras (Lyons et al., 2017; Wissing & Reinhard, 2019). No narcisismo, identifica-se uma associação positiva entre a autoavaliação da capacidade de deteção e o aumento da confiança nessa capacidade. É de referir a relevância em analisar a forma como os indivíduos julgam as próprias capacidades, pois tais perceções sugestionam o comportamento, as emoções e a cognição (Elaad, 2015; Serota & Levine, 2015; Elaad et al., 2020).

Se os psicopatas, constantemente, controlam e alteram os seus comportamentos desonestos, possivelmente estarão mais capacitados a detetar esses mesmos comportamentos nos outros. A investigação tem verificado que características como a empatia emocional, confiança, amabilidade interpessoal e sociabilidade influenciam negativamente a capacidade de deteção do engano. Como os psicopatas exibem uma pontuação baixa nestes traços, por

suposição, serão mais eficazes a descobrir quem mente (Campbell & Porter, 2002; Wheeler et al., 2009; Martin & Leach, 2013).

No entanto, ainda não existem evidências suficientes que verifiquem uma relação efetiva entre esta constelação de personalidade e a deteção da mentira. De certa forma, o frequente envolvimento em comportamentos disruptivos é passível de motivar uma deteção mais eficaz de comportamentos similares nas interações sociais (Gino, 2015; Wright Whelan et al., 2014).

Objetivos

A presente investigação tem como objetivo analisar a deteção da mentira numa população criminal, comparando-a com sujeitos da população geral e do Corpo da Guarda Prisional. Nesse sentido, serão explorados dois objetivos específicos: (a) estudar a eficácia relativa da deteção da mentira na população criminal; e (b) estudar os indicadores utilizados por essa população na deteção da mentira, no sentido de perceber se serão específicos ou diferenciados dos utilizados pelas populações geral e da Guarda Prisional.

Sendo este o objetivo central, foram formuladas as seguintes hipóteses:

- (1) os sujeitos reclusos apresentam níveis tendenciais na deteção da mentira mais elevados do que as restantes populações;
- (2) os níveis de deteção antes reportados são uma função do tipo de personalidade, pressupondo-se que as personalidades de tipo psicopático, manipulador, maquiavélico e narcísico serão mais eficazes na deteção destes comportamentos;

(3) os sujeitos reclusos evidenciam uma utilização de indicadores e processos de deteção que se diferenciam dos utilizados pelas populações geral e policial.

Metodologia

Amostra

A amostra é constituída por um total de 50 indivíduos do sexo masculino, divididos em três grupos, recolhidos pelo método de amostragem não probabilística (amostragem de conveniência).

O primeiro grupo é composto por 20 participantes reclusos, avaliados no Estabelecimento Prisional de Caldas da Rainha (EPRCR), com idades compreendidas entre os 24 e os 55 anos ($M= 38.20$; $DP= 10.12$). As informações sobre a situação prisional dos reclusos encontram-se na Tabela 2. O segundo grupo inclui 15 indivíduos da população geral, em que a seleção dos participantes teve como critério o emparelhamento destes dois grupos a nível das variáveis sociodemográficas sexo, idade e escolaridade. Por fim, o terceiro grupo integra 15 indivíduos do Corpo da Guarda Prisional do EPRCR. As características sociodemográficas dos grupos são descritas na Tabela 1.

Tabela 1. Caracterização dos participantes

	Reclusos	Pop. Geral	G. Prisionais
<i>N</i>	20	15	15
Idade			
M/DP	38.20 (10.12)	38.13 (12.45)	49.27(3.39)
Anos de escolaridade			
M/DP	9.15 (2.641)	8.73 (2.187)	12 (.000)
Estado Civil			
Solteiro	11 (55%)	6 (40%)	
Casado/União de facto	5 (25%)	4 (26.7%)	10 (66.7%)
Divorciado/Separado	4 (20%)	4 (26.7%)	5 (33.3%)
Viúvo		1 (6.7%)	

Tabela 2. Dados jurídico-penais dos participantes

Variáveis da Situação Prisional		
	Amostra	
Situação atual	N	%
Condenação	20	100
	M	DP
Pena em Meses	46.15	24.36
Crimes/Acusações	N	%
Furto qualificado	4	20
Tráfico de estupefacientes	7	35
Coação	4	20
Extorsão	3	15
Abuso de poder	2	10
Antecedentes prisionais	N	%
Com condenações anteriores	14	70
Sem condenações anteriores	6	30

A comparabilidade dos grupos foi estudada através do Teste Kruskal-Wallis, tendo-se verificado que a população presidiária e a comunidade geral são equiparáveis para as variáveis idade [$\chi^2(2) = 4.972$; $p = .988$] e escolaridade [$\chi^2(2) = 4.570$; $p = .757$]. Relativamente à população policial, o teste revela que a diferença entre a idade e a escolaridade é estatisticamente significativa ($p = .003$; $p < .001$) (Anexo A).

Instrumentos

Para além de um questionário sociodemográfico, elaborado especificamente para esta investigação, foram utilizados um conjunto de escalas de avaliação dos sujeitos que se identificam e descrevem a seguir.

Questionário Sociodemográfico

Foi elaborado um inquérito sociodemográfico de caracterização da amostra. Este inquérito inclui questões como a idade, sexo, escolaridade, estado civil, nacionalidade, língua

materna e área de residência. As informações judiciais e referentes à pena foram obtidas a partir dos processos individuais dos reclusos.

Marlowe-Crowne Social Desirability Scale (MCSDS; Crowne & Marlowe, 1960; versão portuguesa Simões, Almiro & Sousa, 2010).

A MCSDS é uma escala de autorresposta para a avaliação da desejabilidade social sem conotações de caráter psicopatológico. É constituída por 33 itens que representam comportamentos do quotidiano associados à ideia de aprovação social. Cada uma das afirmações tem como opção de resposta as alternativas “Verdadeiro” ou “Falso”. Caso a afirmação seja assinalada com “Verdadeiro”, em 18 dos itens, a pontuação a ser atribuída é de um ponto, o que corresponde a comportamentos socialmente desejáveis, mas pouco frequentes; nos restantes 15 itens, se a afirmação for “Falsa”, são pontuadas com um ponto, indicando comportamentos comuns, mas socialmente indesejados. Um valor mais elevado (superior a 17) indica um forte desejo de aceitação social (Crowne & Marlowe, 1960; Antunes, 2016). Entre os estudos na população portuguesa, têm sido apresentados valores de consistência interna considerados aceitáveis (alfa de Cronbach de .64 e de .65). A investigação conduzida por Almiro (2013) indica uma boa consistência interna da escala (alfa de Cronbach de .84) (Simões et al., 2010; Poínhos et al., 2008; Silvestre, 2011).

Narcissistic Personality Inventory- 13 (NPI-13; Gentile et al., 2013, versão portuguesa Pechorro, P., Nunes, C., Gonçalves, R., Simões, M. & Oliveira, J.P., 2019)

O NPI-13 é uma versão breve de 13 itens do Inventário de Personalidade Narcisista original, considerada a medida mais utilizada para avaliar níveis subclínicos de narcisismo. Este inventário tem três fatores: Liderança/Autoridade (Leadership / Authority; LA), Grandiosidade / Exibicionismo (Grandiose / Exhibitionism; GE) e Empossamento /

Exploratividade (Entitlement / Exploitativeness; EE). Os itens podem ser usados com um formato de escolha forçada/dicotômico ou em formato ordinal de quatro pontos. Para este estudo foi utilizada uma escala dicotômica, em que cada item poderá ter como opção de resposta “Sim” ou “Não”, codificado com um ponto se a resposta segue uma orientação no sentido da escala avaliada, ou zero pontos, caso a resposta contrarie essa tendência. Estes itens são divididos em três dimensões, em que a subescala de LA é medida através dos resultados de quatro itens (3, 6, 9 e 12); GE inclui cinco itens (2, 5, 8, 11 e 13) e EE é medida por quatro itens (1, 4, 7 e 10). A cotação é feita através da soma de todos os itens, e pontuações mais altas indicam níveis mais elevados de narcisismo. A versão portuguesa adaptada para o uso com adolescentes revela uma boa consistência interna, com valores acima de .80 (NPI-13 total $\alpha = .84$; LA $\alpha = .77$; EG $\alpha = .72$; EE $\alpha = .62$) (Pechorro et al., 2019).

Machiavellian Personality Scale (MPS; Dahling et al., 2009)

A Escala de Personalidade Maquiavélica compreende quatro dimensões: Desconfiança nos outros (cinco itens), Desejo de Status (três itens), Desejo de Controle (três itens) e Amoralidade (cinco itens). É composta por 16 itens, cada um dos quais avaliados através de uma escala de likert de cinco pontos, variando de 1 (discordo totalmente) a 5 (concordo totalmente), indicando, assim, o seu nível de concordância e/ou discordância com cada afirmação da escala (Miller et al., 2015). A MPS já foi validada e adaptada para o contexto brasileiro por Grohmann e Battistella (2012), que asseguram a validade da escala na medição das quatro dimensões do construto (Grohmann & Battistella, 2012; Santos, 2020). Contudo, para o presente estudo não se utilizou justamente esta tradução, uma vez que houve necessidade de adaptar a escala na ótica do participante. A versão brasileira foi adequada ao português de Portugal e estudada num pré-teste com um participante recluso e um participante da população geral, não se tendo observado dificuldades.

Psychopathy Checklist Revised (PCL-R; Hare, 2003; versão portuguesa de Gonçalves, 2001)

A PCL-R é um instrumento para a avaliação do grau de psicopatia, através de uma escala de 0 a 40 pontos, cotada com base em dados recolhidos em entrevista semiestruturada e na revisão de informação arquivada. Esta escala, essencialmente destinada a populações forenses, permite, assim, avaliar traços de personalidade inferidos e comportamentos associados à psicopatia (Cunha et al., 2020).

Esta entrevista abrange, de forma detalhada, os principais aspetos da vida do sujeito, sendo constituída por 12 grupos: A) História Escolar; B) História Profissional; C) Objetivos Profissionais; D) Situação Económica; E) Saúde; F) Vida Familiar; G) Relacionamentos Interpessoais e Sexuais; H) Consumo de Drogas; I) Comportamentos Antissocial na Infância e Adolescência; J) Comportamento Antissocial Adulto; K) Questões Gerais; L) Outras Informações (Silva, 2015).

A Checklist de Psicopatia sumariza a entrevista em 20 itens, onde se avaliam as características interpessoais, afetivas e comportamentais do construto da Psicopatia, através dos seguintes critérios: 1- Loquacidade/Volubilidade/Encanto superficial; 2- Sentido grandioso do valor de si próprio; 3- Necessidade de estimulação/Tendência para o tédio; 4- Mentir patológico; 5- Estilo manipulativo; 6- Ausência de remorsos ou sentimentos de culpa; 7- Superficialidade afetiva; 8- Frieza/Ausência de empatia; 9- Estilo de vida parasita; 10- Deficiente controlo comportamental; 11- Comportamento sexual promíscuo; 12- Comportamento problemático precoce; 13- Ausência de objetivos realistas; 14- Impulsividade; 15- Irresponsabilidade; 16- Não-acatamento de responsabilidades pelas suas ações; 17-

Relacionamentos conjugais numerosos e de curta duração; 18- Delinquência juvenil; 19- Revogação de medidas alternativas ou flexibilizadoras da pena de prisão; 20- Versatilidade criminal (Hare, 2003; Cunha et al., 2020).

O constructo da psicopatia, tal como avaliado na PCL-R, possui características dimensionais, sendo que os seus itens têm sido agrupados estatisticamente em vários clusters ou fatores. De acordo com o modelo dos quatro fatores, o primeiro fator corresponde aos traços da personalidade, abrangendo oito itens divididos por duas facetas: a Faceta 1 que remete para o nível interpessoal (1, 2, 4 e 5); e a Faceta 2 que reporta o nível afetivo (6, 7, 8 e 16). O segundo fator está relacionado com os comportamentos antissociais, onde se incluem 10 itens distribuídos por duas facetas: a Faceta 3 que se destina ao estilo de vida do sujeito (3, 9, 13, 14 e 15); e a Faceta 4 referente ao aspeto antissocial (10, 12, 18, 19 e 20) (Hare, 2003; Simões et al., 2017).

Na edição de 1991 da PCL-R foram identificados dois fatores correlacionados: as Características Interpessoais e Afetivas (fator 1 ou faceta clínica) e a Desviância Social (fator 2 ou faceta comportamental). Os itens 11 (comportamento sexual promíscuo) e 17 (relacionamentos conjugais numerosos e de curta duração) não integram nenhum dos fatores. Vários estudos permitiram replicar o modelo dos dois fatores da psicopatia assumindo, por isso, um papel de relevo na compreensão desta perturbação (Gonçalves, 2007; Hemphill et al., 1998; Mendes, 2015).

Na cotação destes itens utiliza-se zero (0) quando não se verifica (i.e., o sujeito não exhibe o comportamento em questão ou demonstra características opostas à do item); um (1) quando se verifica parcialmente (i.e., em determinados aspetos avaliativos do item verificam-se os pressupostos, em outros não, ou quando se verifica uma contradição entre a informação fornecida e o processo individual do sujeito, que não podem ser resolvidas); dois (2) quando

se verifica na totalidade ou quase na totalidade os pressupostos do item em questão. Quando em determinados pontos de interesse não é possível recolher informação necessária, quer através da entrevista quer pela consulta do processo individual do sujeito, existe a possibilidade de se omitir até 5 itens da PCL-R. É de referir que a cotação deverá ser realizada tendo em vista o funcionamento típico do indivíduo e não apenas o seu estado atual, pois a PCL-R avalia traços e não estados (Cunha et al., 2020). Um resultado total igual ou superior a 30 pontos, indica a existência de psicopatia, entre 20 a 29 pontos, indica psicopatia moderada e um resultado inferior a 20 pontos, não subsiste psicopatia (Silva, 2015). No presente estudo, utilizou-se a versão portuguesa da PCL-R que apresentou valores de consistência interna considerados aceitáveis ($\alpha = .84$) (Cunha et al., 2020).

Wechsler Adult Intelligence Scale- Third Edition (WAIS-III; Wechsler, 1997; 2008)

Uma vez que mentir é uma atividade cognitivamente exigente, as capacidades cognitivas podem influenciar a carga cognitiva percebida nas tarefas de produção de mentiras, e um maior quociente de inteligência pode facilitar a gestão cognitiva e mesmo emocional dos mentirosos durante a mentira, bem como aumentar o foco do detetor em indicadores relevantes ao identificar a mentira nos outros (Drouvelis & Pearce, 2021; Michels et al., 2020; Van't Veer et al., 2014; Turi et al., 2022). Atendendo a este aspeto, considerou-se importante a aplicação de uma medida de inteligência neste estudo.

A Escala de Inteligência de Wechsler para Adultos (WAIS-III) é um dos instrumentos mais utilizados para a avaliação da inteligência, podendo ser administrada a pessoas com idades compreendidas entre os 16 e os 89 anos. A WAIS-II inclui 14 subtestes, fazendo distinção entre a componente verbal e a componente percetivo-motora. Assim, fazem parte da subescala Verbal os sete subtestes: Vocabulário, Semelhanças, Aritmética, Memória de Dígitos, Informação, Compreensão e Sequência de Letras e Números. Os subtestes Completamento de

Gravuras, Código, Cubos, Matrizes, Disposição de Gravuras, Pesquisa de Símbolos e Composição de Objetos formam a subescala de Realização. Este instrumento é constituído por 11 subtestes principais e três subtestes facultativos (Pesquisa de Símbolos, Sequência de Letras e Números e Composição de Objetos). A WAIS-III disponibiliza vários níveis de análise e interpretação: QI's (Quociente de Inteligência da Escala Completa – QIEC); Quociente de Inteligência Verbal (QIV); Quociente de Inteligência de Realização (QIR); Índices (Índice de Compreensão Verbal – ICV); Índice de Organização Perceptiva (IOP); Índice de Memória de Trabalho (IMT); Índice de Velocidade de Processamento (IVP); Subtestes. As características da WAIS-III conferem-lhe excelentes qualidades enquanto instrumento de avaliação do funcionamento intelectual. Esta Escala poderá ser utilizada nos diagnósticos de deficiência mental e sobredotação, assim como no diagnóstico diferencial de perturbações neurológicas e psiquiátricas que afetem o funcionamento mental (Wechsler, 2008).

Instrumentos relativos ao procedimento de avaliação

Vídeos

Os participantes foram submetidos a um procedimento de avaliação que englobava a visualização de pequenas gravações e uma entrevista individual. Após a visualização das gravações, foi realizada uma entrevista em que os sujeitos tinham de identificar as condições (testemunho honesto/ testemunho simulado) e os indicadores e processos de deteção da mentira que utilizaram na análise dos vídeos (e.g., pistas verbais e não-verbais).

Para o efeito desta investigação, foram criados um conjunto de vídeos que serviram de base a estas avaliações dos sujeitos. Estes vídeos são constituídos por um conjunto de oito gravações realizadas por quatro indivíduos do sexo masculino, cada uma com uma duração aproximada de três minutos. No total, existem quatro gravações correspondentes à condição

honestas (em que se pede que os indivíduos sejam honestos nas respostas às questões colocadas) e quatro gravações relativas à condição simulação (em que os indivíduos são desonestos nas suas respostas). Estas condições são desconhecidas dos sujeitos avaliadores e do entrevistador. Os vídeos foram gravados com um plano completo do indivíduo, de modo que todos os movimentos corporais e faciais fossem visíveis quando este estivesse a responder às questões colocadas pela entrevistadora, apenas presente em áudio.

A fim de facilitar a interpretação dos resultados, foram atribuídas codificações a cada conjunto de gravações, bem como às respetivas respostas. De tal modo que, o primeiro conjunto tem associado o código S1 (Sujeito 1) e as respostas S1A (Sujeito 1, condição A) e S1B (Sujeito 1, condição B); o segundo corresponde ao código S2 (Sujeito 2) e as respostas ao código S2A (Sujeito 2, condição A) e S2B (Sujeito 2, condição B); e assim sucessivamente. Este procedimento serve para identificar as condições, uma vez que todos os sujeitos são avaliados em duas condições.

O método selecionado para a recolha de dados foi a entrevista individual, visto ser um método que fornece liberdade e flexibilidade aos indivíduos entrevistados para responderem aos tópicos sugeridos e previamente planificados por quem conduz a investigação, evitando, assim, a sugestibilidade que questionários estruturados poderiam originar.

Procedimentos de recolha de dados

Como já antes referido, o estudo envolve três grupos de indivíduos: reclusos, guardas prisionais e população geral. Para a concretização desta investigação, solicitou-se à Direção-Geral de Reinserção e Serviços Prisionais a autorização para a participação voluntária dos indivíduos que se encontravam no EPRCR. Após as devidas autorizações, os indivíduos deste

Estabelecimento Prisional foram selecionados de acordo com o tipo de condenação, nomeadamente indivíduos condenados pela prática de crimes de tráfico de substâncias, crimes contra a liberdade pessoal, contra a vida em sociedade, contra o património em geral e contra a propriedade.

Previamente à recolha dos dados, foi realizado um estudo piloto com um participante recluso e um participante da população geral, cuja entrevista não foi considerada no processo de análise de dados. Este estudo preparatório teve como objetivo testar os instrumentos aplicados na entrevista, principalmente a tradução da escala de maquiavelismo, e averiguar aspetos como a duração, a pertinência das questões e o nível de compreensão da tarefa. De acordo com o observado, concluiu-se que as orientações foram explícitas para quem estava a ser entrevistado.

A avaliação dos sujeitos foi realizada em três momentos: (1) avaliação inicial, em que se necessitou de uma sessão de avaliação com uma duração aproximada de 90 minutos; (2) continuação da avaliação inicial, numa sessão de aproximadamente 90 minutos; (3) aplicação do procedimento de avaliação, que teve a duração aproximada de 45 minutos. Estes três momentos foram realizados em dias diferentes, tendo a recolha de dados decorrido entre os meses de janeiro e agosto de 2023, em formato presencial.

Inicialmente, explicou-se aos participantes os objetivos do estudo, sendo-lhes entregue um consentimento informado, com exposição dos assuntos a abordar na entrevista. Nesta entrevista, antes do pedido de autorização, foi garantido o carácter voluntário, anónimo e confidencial dos dados assim obtidos, bem como a não interferência no processo criminal nos sujeitos reclusos. Aos participantes era descrito que a investigação consistia na visualização de pequenas gravações e no preenchimento de alguns questionários.

Após este contacto inicial, a primeira sessão de avaliação consistiu no preenchimento de um breve inquérito composto por questões de natureza sociodemográfica e de três escalas

de autorresposta focadas nos aspetos relacionados com a Personalidade e com a Desejabilidade Social, terminando com a administração da entrevista semiestruturada para a avaliação do grau de psicopatia. Numa segunda sessão, foi aplicada a Escala de Inteligência de Wechsler para Adultos (WAIS-III). Por fim, na terceira sessão, os participantes assistiram a um conjunto de oito vídeos elaborados para o efeito, nos quais tinham de identificar as condições (testemunho honesto/ testemunho simulado) e os indicadores/processos que prestaram mais atenção ou que sentiram que tiveram maior relevância para as suas classificações finais. Em nenhum momento, os participantes foram informados sobre a veracidade das gravações a que assistiram, nem receberam qualquer feedback relativamente ao seu desempenho.

Procedimento de tratamento de dados

As análises de carácter descritivo e inferencial dos resultados desta investigação foram executadas com recurso ao programa informático de tratamento de dados estatísticos, o Statistical Package for Social Sciences (SPSS) na versão 27.0 para o Windows. Através deste, foi utilizado o método não paramétrico para as variáveis que não cumpriam o pressuposto da normalidade e homogeneidade das distribuições. Recorreu-se, assim, ao teste Kruskal-Wallis para análise das diferenças entre os grupos. O método de comparações múltiplas Stepwise (equivalente ao teste adicional Post Hoc), foi solicitado no teste de Kruskal-Wallis, com o intuito de identificar onde estariam as diferenças apresentadas entre os grupos (havendo a rejeição da hipótese nula, com nível de significância de .05). De modo a explorar outros objetivos igualmente traçados, utilizou-se o teste não paramétrico de Mann-Whitney.

Resultados

Da análise descritiva efetuada, verificou-se que a população presidiária difere em certos traços de personalidade, apresentando valores mais elevados na constelação de personalidade “Triade Negra” (cf. Tabela 3). De modo a validar e comparar as diferenças destas variáveis entre os grupos, procedeu-se a esta análise através do teste Kruskal-Wallis (Anexo B).

Tabela 3. Estatísticas descritivas: Diferenças de Médias e Desvios-Padrão nas variáveis Personalidade

Grupo		M	DP	Min/máx	σ^2
Reclusos	Maquiavelismo	48.05	10.84	25/66	117.42
	Narcisismo	5.10	3.52	0/13	12.41
	Psicopatia	19.50	9.01	6/36	81.21
Pop Geral	Maquiavelismo	40.40	6.65	28/55	44.26
	Narcisismo	4.60	1.50	2/7	2.26
	Psicopatia	12.53	6.44	3/23	41.41
	(índice geral)				
Guardas	Maquiavelismo	32.93	5.44	24/41	29.64
	Narcisismo	2.80	2.24	0/7	5.03
	Psicopatia	9.80	4.23	3/18	17.89

Estes resultados revelam que as pontuações médias nos traços de Psicopatia foram, na generalidade, inferiores à linha de corte (≥ 30). Em média, os participantes não pontuaram suficientemente alto para se considerar a existência total ou moderada de psicopatia (76%, n= 38). A percentagem de indivíduos com traços psicopáticos na amostra presidiária (10%, n= 5) foi diminuta. A partir do valor máximo (18), verifica-se que, contrariamente às populações geral e criminal, a população policial apresenta resultados inferiores a 20 pontos, indicando a ausência de psicopatia.

Relativamente à personalidade de tipo maquiavélico, os resultados do teste comparações múltiplas não mostraram diferença estatisticamente significativa ($p = .069$) entre os reclusos e a população geral (Tabela 8, Anexo B), o que indica que se deveria aceitar a hipótese nula que afirma que os dois grupos são semelhantes em tendência central, apesar de a

média deste segundo grupo ($M= 40.40$) ser relativamente inferior à do grupo dos presidiários (48.05). No entanto, o teste revela que a diferença entre guardas e reclusos é altamente significativa ($p<.001$).

Quanto ao narcisismo, observa-se uma maior discrepância de dados entre os presidiários ($DP= 3.52$), com dois indivíduos a pontuar nos extremos ($\text{min}= 0$; $\text{máx}= 13$). Surpreendentemente, este indivíduo narcísico é, igualmente, responsável pelo valor máximo da escala do maquiavelismo (66) e da escala de psicopatia (36). Já este valor mínimo de zero, pode ser explicado pela pontuação deste indivíduo na escala de desejabilidade social, que se encontra acima do ponto de corte (20). Embora os indivíduos da comunidade geral pontuem ligeiramente menos neste construto e apresentem dados mais homogêneos ($M= 4.60$; $DP= 1.50$) quando comparados com os criminosos, esta diferença não tem significado estatístico ($p= .897$) (Tabela 9, Anexo B).

De uma forma geral, a análise dos resultados permite afirmar que a população policial registou a menor frequência destes traços de personalidade, pontuando sistematicamente menos do que os restantes participantes em todas as escalas. Verificaram-se diferenças estaticamente significativas nos resultados totais das escalas, para todas as comparações (Anexo B). Em contrapartida, as comunidades geral e reclusa manifestam uma tendência similar para os traços de personalidade maquiavélicos e narcísicos.

De modo a comparar a diferença de respostas socialmente desejáveis entre os três grupos, recorreu-se às estatísticas descritivas. Na escala de sugestibilidade social, a pontuação média para a amostra de reclusos foi de 17.65 com um desvio-padrão de 5.25, para a amostra de guardas a média foi de 23.20 com um desvio-padrão de 6.00 e, para a comunidade geral, foi de 20.87 com um desvio de 6.87. Concluindo-se, assim, que todos os grupos pontuam acima

do corte tradicionalmente definido de 17. Ao analisar estas estatísticas simultaneamente com as relativas aos dados obtidos através das escalas de personalidade, foi possível observar uma tendência decrescente de pontuação para a MPS e o NPI-13 com o aumento das respostas socialmente desejáveis.

Para a avaliação da prova de inteligência, foi utilizada a classificação QI de acordo com o manual desta escala, em que: 1- Muito inferior (<69), 2- Inferior (70-79), 3- Médio Inferior (80-89), 4- Médio (90-109), 5- Médio Superior (110-119), 6- Superior (120-129) e 7- Muito superior (>130). Além disso, importa referir que esta análise foi realizada atendendo aos indicadores na sua generalidade, neste caso executam-se as conhecidas como o QI, e não a cada fator individualmente, evitando, desta forma, as flutuações nos resultados, uma vez que cada subteste representa apenas uma porção do funcionamento cognitivo geral dos indivíduos.

Tabela 13. Estatística descritiva: WAIS-III

	Reclusos		Pop Geral		G. Prisionais	
	M	DP	M	DP	M	DP
QI	102.60	13.44	100.07	11.55	121.47	11.62
QIV	103.95	12.69	98.53	13.75	117.93	8.98
QIR	100.40	13.31	101.27	12.42	121.40	13.13

Nesta categoria, destaca-se a população policial com um QI superior (M= 121.47), sendo possível observar um efeito direto entre a escolaridade e o nível de inteligência, uma vez que todos os guardas concluíram o 12º ano de escolaridade. Este grupo apresenta um valor mínimo classificado com um QI médio (105) e um valor máximo correspondente a um QI muito superior (143). Nos restantes grupos, 20% dos indivíduos classificam-se com um QI inferior à média, apresentando como valores mínimos 78 (população geral) e 79 (reclusos) (Anexo D). Os valores máximos observados são de 122 e 127, respetivamente.

Tendo em vista a avaliação da eficácia da população presidiária na identificação da mentira, realizaram-se testes de estatística descritiva aos dados recolhidos, comparando-os com

os das populações policial e geral. A distribuição do número de respostas pelas condições (testemunho honesto/ testemunho simulado) foi a seguinte (Tabela 14):

Tabela 14. Distribuição das taxas de precisão na detecção da mentira

	Reclusos	População Geral	Guardas Prisionais
	M/DP	M/DP	M/DP
	3.10/ (0.718)	2.27/ (0.961)	3.20/ (0.775)
Precisão (%)	77.5	56.7	80

No que diz respeito à precisão na detecção da mentira, o grupo Guardas obteve um desempenho geral de 80%, enquanto o grupo Reclusos atingiu uma precisão geral de 77.5%. Perante estes resultados, a hipótese 1 encontra-se parcialmente corroborada, uma vez que a precisão diferiu significativamente ($p=.018$) entre as populações geral (56.7%) e presidiária (Anexo C). No entanto, verifica-se que os participantes policiais revelaram uma maior capacidade em detetar corretamente a simulação. Contudo, as respostas dos presidiários são as que registam uma maior homogeneidade ($DP= 0.718$). Uma observação que, também, poderia gerar conclusões interessantes é o reconhecimento, por parte da população reclusa, da simulação no sujeito 2, considerado como o mentiroso mais talentoso, de acordo com as pontuações das restantes populações (Anexo E).

Tabela 15. Distribuição dos níveis de detecção nas duas condições (simulação e honestidade)

		Verdade		Mentira	Total
Reclusos	Certo	N	13	49	62
		%	52	89.09	
	Errado	N	12	6	18
		%	48	10.90	
Pop Geral	Certo	N	22	12	34
		%	68.75	42.85	
	Errado	N	10	16	26
		%	31.25	57.14	
G. Prisionais	Certo	N	26	22	48
		%	83.87	75.86	
	Errado	N	5	7	12
		%	16.12	24.13	

Relativamente às respostas corretas e erradas para as condições em que o entrevistado era honesto ou simulava o testemunho (Tabela 15), a precisão na deteção da honestidade e da mentira difere. Neste caso, o grupo dos guardas revela uma tendência específica em ver a condição honestidade (83.97%), isto é, demonstra maior capacidade de detetar corretamente a honestidade do que a mentira. Já a população presidiária consegue detetar a mentira com sucesso em 89.09% dos casos, com apenas uma precisão de 52% no reconhecimento da honestidade.

Com o objetivo de confirmar a terceira hipótese, foi realizada uma análise descritiva dos vários indicadores de deteção identificados (Anexo F) na entrevista individual. Relativamente às populações não criminais, a expectativa seria a da existência de padrões comuns de resposta. Esta suposição vem a ser confirmada após a análise, em que se verificou que ambas as amostras relacionam os relatos falsos à ausência de contacto ocular, a um maior nervosismo, às expressões faciais evidenciadas pelos entrevistados, bem como aos sorrisos. Para além dos indicadores supramencionados, os guardas prisionais focam-se, principalmente, em erros do discurso (26.5%), como a repetição e/ou modificação de palavras/sentenças (Anexo G). É de referir que a comunidade geral, em momento algum, faz menção a características verbais que, por sua vez, são as manifestações mais indicadas pela população criminal (24.5%) (Anexo H; Anexo I).

Relativamente aos indicadores base considerados pela população presidiária, estes englobam todos aqueles que correspondem às características vocais e verbais (Anexo F), destacando-se a informação irrelevante para o contexto e que não foi questionada (12.3%) como o indicador mais citado. De igual modo, são mencionados processos relativos aos movimentos dos membros e às características faciais. Contrariamente às restantes populações,

os presidiários evidenciam uma utilização de indicadores de deteção específicos e diferenciados, focando-se em pistas como a tranquilidade, o olhar fixo, o apertar os lábios, a respiração ofegante, as modificações na tonalidade da voz, o autocontrolo e o excesso de confiança nos depoimentos (Anexo I), nunca mencionados pelos indivíduos das outras amostras.

Curiosamente, os indicadores relativos aos movimentos dos membros são os menos mencionados pelas populações com maior taxa de acerto, o que leva a ponderar que estas manifestações não serão, de facto, indicativas de um comportamento intencional de simulação. As automanipulações e os *illustrators* parecem ser os indicadores comportamentais mais irrelevantes para ambos os grupos, apresentando precisamente a mesma percentagem de frequência (Anexo G; Anexo I).

Na generalidade, verifica-se, entre as três amostras, a tendência para dar atenção a indicadores de comportamento nervoso. No entanto, enquanto as populações geral e policial associam o evitamento ocular ao facto de os indivíduos aparentarem estar mais inquietos, a população presidiária defende que estes procuram fixar o olhar no interlocutor.

Complementarmente, procurou-se conhecer quais os resultados em termos de eficácia na deteção de acordo com o coeficiente de inteligência. Para isso, procedeu-se à comparação geral dos desempenhos dos indivíduos de todas as amostras (N=50) com os respetivos QI.

Tabela 16. Comparação QI vs percentagem de precisão

	N=50	Precisão (%)
QI Inferior	2	87.5
QI Médio Inferior	5	55
QI Médio	22	75
QI Médio Superior	8	71.88
QI Superior	10	67.5
QI Muito Superior	3	83.3

Através destes resultados (Tabela 16), é possível identificar que a potencialidade da deteção não está associada a níveis elevados de inteligência. Os resultados alcançados pelos indivíduos com um Q.I. classificado como inferior traduzem-se numa maior capacidade para reconhecer comportamentos de simulação. O mesmo se verifica nos indivíduos com um Q.I. médio, cuja precisão de deteção é superior à dos classificados com um Q.I. médio superior e um Q.I. superior. Uma vez que a inteligência não é ponderada como um fator influenciante e, tendo em consideração a presença dos cinco indivíduos com traços classificáveis como psicopáticos, julgou-se interessante uma análise mais aprofundada dos mesmos, com o objetivo de perceber se esta condição será um possível preditor da capacidade de deteção.

Tabela 17. Estatísticas descritivas de todas as variáveis em estudo (indivíduos com traços psicopáticos)

	Sujeito 1	Sujeito 2	Sujeito 3	Sujeito 4	Sujeito 5
PCL-R	31	32	36	30	30
Fator 1	14	13	12	13	13
Fator 2	14	18	19	15	15
MPS	55	59	60	42	47
NPI-13	6	8	13	1	8
MCSDS	19	8	19	24	27
QIEC	83	105	93	98	127
Precisão geral (%)	100%	100%	75%	75%	75%

Esta análise (Tabela 17) permitiu identificar resultados plausíveis de diferenciar o desempenho dos indivíduos com base na sua personalidade. Tais resultados parecem indicar que a capacidade de deteção é previsível a partir dos traços psicopáticos, contrariando, deste modo, o carácter preditivo da inteligência. O facto de existirem elevadas pontuações na escala do maquiavelismo pode, igualmente, indicar duas informações: por um lado, poderão constituir um ponto de partida que frisa a capacidade deste tipo de personalidade em diferenciar o desempenho dos indivíduos na tarefa de deteção; por outro, existe uma tendência crescente de pontuação para esta escala com o aumento dos traços psicopáticos.

A psicopatia primária e secundária são, de forma aproximada, correspondentes ao Fator 1 e ao Fator 2 do PCL-R (Barbosa et al., 2014). Tal constatação indica que, neste estudo, os indivíduos serão mais impulsivos, irresponsáveis, com necessidade de excitação, tendo problemas de comportamento desde novos e um comportamento antissocial na idade adulta (Hare, & Neumann, 2008), características centrais da psicopatia secundária (Tabela 17).

A partir desta amostra reduzida de sujeitos, é, também, possível aferir que a desejabilidade social é uma variável que não terá relevância ao nível da precisão da deteção. Tal suposição provém do facto de se verificar que o único indivíduo que não tende a ser socialmente desejável é, também, o que identifica corretamente todas as condições (testemunho simulado/ testemunho honesto). De forma a incrementar confiança na interpretação destes resultados, foi realizada uma comparação, considerando a amostra na sua totalidade, entre as pontuações nesta escala e as taxas de precisão (Tabela 18).

Tabela 18. Comparação sugestibilidade social vs percentagem de precisão

	MCSDS (0-17) n=16	MCSDS (18-33) n=34
Precisão (%)	92.18	61.76

Através do teste de Mann-Whitney, foram detetadas diferenças significativamente inferiores no desempenho dos indivíduos que tendem a responder de acordo com o que é percebido como mais correto, comparativamente com os restantes [$U= 42.00$; $p= <.001$]. Deste modo, os resultados obtidos confirmam a ausência de uma relação entre níveis mais elevados de sugestibilidade social e o aumento da taxa de acertos.

Discussão

A presente investigação pretende ser uma análise compreensiva acerca da capacidade discriminativa da população criminal na caracterização e identificação de comportamentos intencionais de simulação. Numa primeira instância, procurou-se analisar a existência de perturbações de personalidade, de modo a compreender se os níveis de deteção reportados seriam uma função do tipo de personalidade.

Efetivamente, os resultados indicam a tendência do grupo presidiário em apresentar traços de personalidade mais próximos da Tríade Negra, nomeadamente no que se refere à psicopatia, narcisismo e maquiavelismo, corroborando deste modo a investigação existente (cf. por exemplo Coid et al., 2009; Elaad et al., 2020; Turi et al., 2022). A análise dos dados revela a existência de pontuações superiores no construto da psicopatia, registando-se, inclusivamente, a presença de cinco indivíduos com traços classificados como psicopáticos nesta população. Relativamente à comunidade geral, se se atentar aos valores médios das escalas (NPI-13 e MPS), é possível verificar que as diferenças nos resultados comparativamente aos presidiários não são significativas ($p=.897$; $p=.069$) (Anexo B). No que concerne à personalidade dos indivíduos que comportam o grupo policial, os resultados evidenciam a tendência do grupo em não apresentar qualquer tipo de perturbação.

Note-se, porém, que a interpretação destes valores deve ser feita considerando a pontuação na escala MCSDS, fator condicionante a qualquer conclusão sobre perturbações específicas. Relativamente às diferenças encontradas nas respostas à escala MCSDS, entre as três amostras, verificou-se que tais foram significativas [$\chi^2(2)= 7.945$; $p=.019$], com os participantes da população policial a demonstrarem uma maior tendência para responder de acordo com o que é percebido como mais correto e socialmente aceite, tendência essa traduzida por um valor de desejabilidade social mais elevado que as restantes amostras ($M= 23.20$).

Assim, a desejabilidade social, enquanto tendência para responder de forma socialmente adequada, pode enviesar as respostas às escalas e influenciar a fiabilidade da informação recolhida. Ao relacionar estes dados com os domínios da personalidade, não é possível retirar conclusões objetivas. Contudo, pode ser levantada a hipótese de que existe uma tendência decrescente de pontuação para as perturbações de personalidade com o aumento das respostas socialmente desejáveis, que vem ao encontro do desconforto expressado por estes intervenientes face ao contexto avaliativo. Estes resultados também podem sugerir que quanto mais elevado o estatuto social, maior a necessidade para responderem de forma socialmente desejável.

Relativamente ao desempenho da comunidade geral no que concerne à deteção de comportamentos de simulação, tal como era esperado, os resultados vão ao encontro do evidenciado pela literatura, evidenciando, por exemplo, a tendência deste grupo em apresentar desempenhos inferiores (56.7%), aos observados nas outras populações em estudo. Estes resultados são semelhantes aos obtidos por Bond e DePaulo (2006), com uma precisão média de deteção, por parte desta população, de 54%. Simultaneamente, estes resultados indicam a aparente relação negativa que este indicador em particular estabelece com o gradiente de personalidade, atendendo às diferenças visíveis entre as pontuações, tanto na precisão da deteção como na constelação de personalidade, em comparação com a população policial.

Os perfis de resultados dos guardas prisionais e dos presidiários na distribuição de respostas certas e erradas por gravação não apresentam diferenças significativas ($p = .751$) entre os desempenhos (Anexo C). Nesta perspetiva, os resultados alcançados, aparentemente, indicam que os participantes policiais são ligeiramente melhores que os reclusos a identificar comportamentos de simulação. Ainda que com precisões distintas quanto à deteção, 80% e 77.5% respetivamente, os dados poderão não ser significativamente diferentes. Uma vez que a

magnitude da variância no desempenho da população criminal ($DP= 0.718$) é inferior, com os sujeitos a apresentarem uma maior homogeneidade nas suas respostas pelas condições e a evidenciarem uma maior utilização de indicadores de deteção específicos e diferenciados, parece plausível afirmar que estes indicadores não apenas constituem um meio importante de acesso às discrepâncias nos resultados, como permitem a sua refutação. Atente-se que a interpretação destes resultados deverá incidir no desempenho da população criminal quanto à avaliação do indivíduo correspondente à segunda gravação, considerado o mentiroso mais talentoso (Anexo E). Estas observações possibilitam, assim, inferir sobre a exatidão das respostas dos guardas, se de facto serão uma competência do indivíduo avaliado, ou se se devem meramente ao acaso.

No entanto, se apenas se considerar a precisão da deteção na condição simulação, os reclusos são os verdadeiros *experts* a reconhecer o engano, apresentando uma maior taxa de sucesso (89.09%). O facto desta população ser mais sensível à deteção da mentira é justificado na literatura pela permanência num ambiente hostil e imprevisível (Turi, 2022). A análise da distribuição dos níveis de deteção nas duas condições indica, ainda, uma estatística inversa entre as populações geral e presidiária, em que a comunidade geral evidencia uma tendência específica em ver a condição da honestidade (68.75%), revelando indicadores inferiores na condição de simulação (42.85%). Relativamente ao grupo dos guardas prisionais, os resultados vão ao encontro das observações efetuadas na comunidade geral, indicando a tendência deste grupo em apresentar uma maior sensibilidade à deteção da honestidade. É, também, neste grupo que se verifica uma menor discrepância entre os níveis de deteção nas duas condições (simulação: 75.86%; honestidade: 83.87%).

Tal como já foi mencionado, existe uma multiplicidade de motivos para o fraco desempenho da população, em geral, no reconhecimento da simulação. Uma das explicações

referidas pela literatura é a forma como os estudos desta temática são orientados. Comparativamente com aquilo que acontece no dia-a-dia, a tarefa de deteção em laboratório inclui indivíduos forçados a mentir que, eventualmente, serão inexperientes e não o fazem com regularidade, pelo que se pressupõe que serão detetados mais facilmente (George et al., 2014; Vrij, 2008). Esta observação vai ao encontro dos resultados obtidos no presente estudo, em que se concluiu que quem engana na gravação número quatro não o consegue fazer muito bem (Anexo E). Coloca-se, assim, a hipótese de que este aspeto poderá ter condicionado a análise dos indivíduos nas diferentes condições.

A análise pormenorizada acerca dos indicadores mostra, à semelhança de outras pesquisas (Alaskar, 2023; Boggard & Meijer, 2020; Culhane et al., 2015; Hartwig et al.; Mirsadikov & George, 2023), que os observadores tentam detetar a mentira com base em indicadores não-verbais, com as populações não criminais a revelar padrões comuns de resposta. Estes centram-se, particularmente, na ausência de contacto visual, nas expressões faciais e em sinais de nervosismo. Por outro lado, os reclusos reconhecem a mentira através do comportamento verbal, focando-se nas relações entre a mentira e os depoimentos de negação, incluindo informação irrelevante, as sentenças generalistas, o excesso de confiança nos depoimentos, as respostas diretas e objetivas e a duração das respostas, indicadores cuja literatura aponta como determinantes no desempenho dos observadores (Roulin, & Ternes, 2019). Esta evidência vem a ser confirmada pela precisão dos presidiários (77.5%), apoiada em 58.7% por aspetos de conteúdo do discurso verbal (Anexo I).

De acordo com a população criminal, o controlo do comportamento é um bom preditor da simulação, tendo sido mencionado cerca de 4.5% das vezes. Esta perceção pode estar relacionada com a falta de movimentos que acompanham o discurso e automanipulações, já que no geral, de acordo com a análise descritiva das pistas, este tipo de movimentos foi

mencionado apenas 1.9 % das vezes. Verificou-se, ainda, que as características vocais, nomeadamente erros no discurso, são os principais aspetos associados à deteção dos relatos enganosos por parte dos indivíduos com maior taxa de acerto, acabando por ser esta uma evidente diferença comparativamente com os sujeitos com menor taxa (Anexos G, H e I).

Coincidentemente com a estrutura mais citada na literatura (Sporer & Schwandt, 2007; Nortje & Tredoux, 2019), os observadores policiais e presidiários acreditam que quando alguém intenta mentir tende a diminuir os movimentos dos membros. Esta interpretação leva a considerar que pistas comportamentais como movimentos funcionais da mão e dos braços serão, hipoteticamente, indicadores de mentira medíocres.

Adicionalmente, esta investigação procurou perceber e clarificar a relação entre a deteção da mentira e o coeficiente de inteligência. Neste aspeto, os resultados indicam que a discriminação entre mensagens de simulação e honestas não é mais bem explicada por níveis de inteligência superiores. Atendendo ao número de sujeitos com a escolaridade completa no grupo policial, era esperado que estes obtivessem desempenhos superiores nas tarefas de inteligência, tal como ocorreu ($M= 121.75$; $DP= 11.62$). No entanto, as diferenças detetadas entre os grupos não permitem concluir que a inteligência seja um bom preditor, uma vez que os indivíduos com um QI inferior à média apresentam um melhor desempenho na tarefa de deteção, com uma taxa de precisão de 87.5 %, quando comparados com o grupo classificado com um QI muito superior (83.3%). A reforçar este aspeto está, ainda, a taxa de precisão de 100% de um dos indivíduos com traços classificados como psicopáticos, cujo QI é considerado médio inferior. Ainda assim, na interpretação dos resultados desta Escala, importa reconhecer o possível impacto de fatores como o cansaço e a irritabilidade dos sujeitos bem como a influência de variáveis demográficas como a escolaridade, sendo necessário atentar ao número de sujeitos a frequentar o 1º e 2º ciclo nas amostras reclusa e da comunidade geral.

De modo a explorar um dos objetivos específicos desta investigação, foram comparadas as respostas às gravações em função da variável psicopatia. Destas comparações, verificou-se que todos os indivíduos que pontuam acima do corte compatível com traços psicopáticos possuem uma maior taxa de acertos, pelo que é plausível afirmar que estes traços estabelecem uma relação positiva com a precisão na tarefa de deteção. No entanto, é interessante constatar que desta análise resultaram, igualmente, elevadas pontuações na escala do maquiavelismo, o que levou a considerar o carácter preditivo deste tipo de personalidade no reconhecimento da mentira.

Porém, seria bastante redutor fazer esta afirmação apenas com referência aos dados destes cinco indivíduos. É um facto que a desejabilidade social enquanto tendência para emitir auto-descrições excessivamente positivas, suscita preocupação na resposta a questionários de personalidade ou instrumentos de autorresposta mais gerais. E, neste estudo, sobretudo na população policial, verificou-se esse efeito da sugestionabilidade social nos traços de personalidade aqui estudados, contrariando, deste modo, a análise relativa ao papel da personalidade na deteção da mentira.

Por outro lado, considerar o efeito de variáveis como a psicopatia, a desejabilidade social e a inteligência na capacidade de deteção, seria um recurso viável na estimação da supremacia dos reclusos em reconhecer comportamentos intencionais de simulação, corroborando, desse modo, a investigação existente (Hartwig et al., 2004; Schindler, 2021). Esta observação é sustentada no facto de se verificarem, entre as três amostras, valores mais baixos de desejabilidade social ($M=17.65$) que, tal como se concluiu, estão associados a melhores níveis de precisão, assim como níveis de inteligência mais baixos. Importa, ainda, referir que a capacidade desta população em reconhecer a simulação (89.09%) foi superior à dos guardas prisionais (75.86).

Conclusões

Ao longo deste trabalho, foi salientada a necessidade e utilidade de um conhecimento mais aprofundado acerca da mentira em contextos forenses, nomeadamente judicial e policial, através da análise pormenorizada daqueles que são os indicadores standard da mentira. A análise conjugada destes indicadores com outros testes de avaliação da personalidade dos indivíduos constituiu, também, o fio condutor desta investigação. Nesta linha, e com uma amostra recolhida no Estabelecimento Prisional e na comunidade geral, constituída por 50 sujeitos, é objetivo desta investigação a análise discriminativa dos desempenhos destes sujeitos na deteção da mentira, para caracterização da sua capacidade de acordo com a estrutura de personalidade e condição social.

Por sua vez, os resultados revelaram que ambas as populações, policial e presidiária, apresentam uma precisão de deteção da mentira praticamente idêntica, de 80% e 77.5% respetivamente, não existindo diferença significativa ($p=.751$) a este nível. Comparativamente com a comunidade geral, a taxa de precisão difere significativamente ($p=.018$), com uma precisão média de deteção, por parte desta população, de 56.7%. Contudo, quando analisada a distribuição dos níveis de deteção nas duas condições (simulação e honestidade), a população presidiária revela uma maior sensibilidade à deteção do engano (89.09%) do que propriamente à deteção da honestidade (52%). Ao relacionar estes dados com os domínios da personalidade, efetivamente, os resultados demonstraram a capacidade de alguns traços da personalidade, nomeadamente a psicopatia, no acesso, categorização e diferenciação de perfis de desempenhos dos indivíduos. Também foi evidenciada uma maior prevalência destes traços na população presidiária. Contrariamente às restantes populações, os presidiários evidenciam

uma utilização de indicadores de deteção específicos e diferenciados, reconhecendo, maioritariamente, a mentira através do comportamento verbal.

Como considerações finais, reporta-se as limitações desta investigação, como o facto de a categorização da personalidade ter sido realizada com recurso a escalas de autorresposta desenvolvidas para este efeito que, como se verificou, sofreu influência da deseabilidade social. Em Psicologia, os estudos de personalidade, comportamentos, valores e sintomas psicopatológicos, são, regularmente, executados com recurso a instrumentos de autorrelato. Especificamente, nestes testes de autorresposta, existe uma maior probabilidade de o indivíduo ponderar a resposta que assegure uma postura ou represente um papel que ele julgue ser o mais adequado para a situação em que se encontra, o que retira fiabilidade às informações e conclusões baseadas nesses testes. Neste sentido, o controlo desta variável seria crucial para reduzir erros associados ao uso destas medidas e, dessa forma, melhorar a validade dos seus resultados e a própria credibilidade e utilidade da avaliação e investigação psicológicas. A preferência pela Marlowe-Crowne Social Desirability Scale pode, igualmente, suscitar algumas dúvidas, pois lendo os itens desta escala, pode-se ponderar que alguns deles avaliem mais comportamentos relacionados com o desenvolvimento moral e não propriamente uma falta de honestidade.

Uma outra limitação, igualmente importante de ressaltar, passou pelo facto de a realização destas entrevistas se ter dado exclusivamente numa única zona geográfica, quando se deveria ter estendido a outras áreas, o que leva, portanto, à inexistência de garantias de que os resultados se generalizam a outras populações. A estas, acresce mais uma limitação, o facto de os relatos obtidos em “laboratório” não cingirem riscos tão elevados como aqueles que se presencia em situações policiais e na maioria dos contextos forenses. As condições laboratoriais nunca revelarão como é que os indivíduos se comportam quando o que está em jogo são

situações dessa natureza (Zhang et al., 2022). Aliás, também não seria eticamente admissível considerar laboratorialmente situações destas.

Neste enquadramento, em estudos posteriores, sugere-se a prossecução da investigação nesta área, dada a controvérsia e ausência de unificação em torno do constructo da personalidade. Seria interessante a extensão do trabalho a uma amostra forense do sexo feminino envolvidas em situação jurídica-penal, havendo, igualmente, necessidade de amostras mais numerosas e representativas, abrangendo diferentes Estabelecimentos Prisionais. Nesta investigação, tal objetivo tornou-se impraticável, dada a exigência do protocolo nestas avaliações, que implicam várias sessões de várias horas. Um outro aspeto interessante para o futuro poderá ser repetir este estudo, mas tornando os vídeos mudos, de modo que a avaliação apenas possa ser centrada nos comportamentos.

Adicionalmente, importa dar continuidade aos estudos acerca da capacidade e sensibilidade das entidades policiais na diferenciação de testemunhos, de modo a expandir a compreensão cada vez mais abrangente e pormenorizada das consequências que esta incapacidade poderá reverter, e introduzir cada vez mais rigor ao contexto de avaliação. Mais ainda, torna-se necessário o desenvolvimento de investigações mais sistemáticas e centradas no aperfeiçoamento de técnicas de deteção. A obtenção de tais resultados demonstra-se relevante, uma vez que, o facto de os guardas prisionais possuírem uma maior capacidade na deteção de comportamentos intencionais de engano, suscita ao argumento de que esta habilidade pode ser trabalhada e, conseqüentemente, apurada, sendo possível futuras apostas na formação destas entidades neste sentido.

Não obstante as limitações inerentes a esta investigação, que apelam ao desenvolvimento de estudos futuros neste âmbito com um número superior de sujeitos a

comportarem as amostras, parece plausível afirmar que os resultados obtidos fornecem dados adicionais para a investigação e compreensão dos comportamentos da mentira em contexto forense.

Bibliografia

Aharoni, E., & Kiehl, K. A. (2013). Evading justice: Quantifying criminal success in incarcerated psychopathic offenders. *Criminal Justice and Behavior*, 40(6), 629-645. <https://doi.org/10.1177/0093854812463565>

Alaskar, H., Sbaï, Z., Khan, W., Hussain, A., & Alrawais, A. (2023). Intelligent techniques for deception detection: a survey and critical study. *Soft Computing*, 27(7), 3581-3600. <https://doi.org/10.1007/s00500-022-07603-w>

Antunes, R. P. P. (2016). *Estudos de validação da escala de avaliação da desejabilidade social de Coimbra (DESCA) numa amostra forense do INMLCF* (Master's thesis). Universidade de Coimbra.

Azizli, N., Atkinson, B. E., Baughman, H. M., Chin, K., Vernon, P. A., Harris, E., & Veselka, L. (2016). Lies and crimes: Dark Triad, misconduct, and high-stakes deception. *Personality and Individual Differences*, 89, 34-39. <https://doi.org/10.1016/j.paid.2015.09.034>

Bailenson, J.N., 2021. Nonverbal overload: a theoretical argument for the causes of zoom fatigue. *Technol. Mind Behav.* 2 (1). DOI: 10.1037/tmb0000030.

Baker, A., ten Brinke, L., & Porter, S. (2013). Will get fooled again: Emotionally intelligent people are easily duped by high-stakes deceivers. *Legal and Criminological Psychology*, 18(2), 300-313. <https://doi.org/10.1111/j.2044-8333.2012.02054.x>

Barbosa, F., Gonçalves, S., Almeida, P. R., Ferreira-Santos, F. e Marques-Teixeira, J. (2014). *The Levenson Self-Report Psychopathy Scale (LSRPS): Translation and adaptation to European Portuguese*. Porto: Laboratory of Neuropsychophysiology (Universidade do Porto).

Baughman, H. M., Jonason, P. K., Lyons, M., & Vernon, P. A. (2014). Liar liar pants on fire: Cheater strategies linked to the Dark Triad. *Personality and Individual Differences, 71*, 35-38. <https://doi.org/10.1016/j.paid.2014.07.019>

Beaver, K. M., & Wright, J. P. (2011). The association between county-level IQ and county-level crime rates. *Intelligence, 39*(1), 22-26. <https://doi.org/10.1016/j.intell.2010.12.002>

Beaver, K. M., Boutwell, B. B., Barnes, J. C., Vaughn, M. G., & DeLisi, M. (2017). The association between psychopathic personality traits and criminal justice outcomes: Results from a nationally representative sample of males and females. *Crime & Delinquency, 63*(6), 708-730. <https://doi.org/10.1177/0011128715573617>

Birkás, B., Pátkai, G., & Csathó, Á. (2020). The mediating role of the dark triad between life history strategy and perceived stress factors. *Psychological Reports, 123*(2), 252–265. <https://doi.org/10.1177/0033294118818095>

Boccio, C. M., & Beaver, K. M. (2018). Psychopathic personality traits and the successful criminal. *International journal of offender therapy and comparative criminology, 62*(15), 4834-4853. <https://doi.org/10.1177/0306624X18787304>

Boduszek, D., Debowska, A., Sherretts, N., Willmott, D., Boulton, M., Kielkiewicz, K., ... & Hyland, P. (2021). Are prisoners more psychopathic than non-forensic populations? Profiling psychopathic traits among prisoners, community adults, university students, and adolescents. *Deviant Behavior, 42*(2), 232-244. <https://doi.org/10.1080/01639625.2019.1665221>

- Bogaard, G., & Meijer, E. H. (2020). Stereotypical behavioural cues—but not their order—influence credibility judgements. *Journal of Investigative Psychology and Offender Profiling*, 17(2), 131-141. <https://doi.org/10.1002/jip.1543>
- Bogaard, G., Meijer, E. H., Vrij, A., & Merckelbach, H. (2016). Strong, but wrong: Lay people's and police officers' beliefs about verbal and nonverbal cues to deception. *PloS one*, 11(6). <https://doi.org/10.1371/journal.pone.0156615>
- Bóna, J., & Bakti, M. (2020). The effect of cognitive load on temporal and disfluency patterns of speech: evidence from consecutive interpreting and sight translation. *Target*, 32(3), 482-506. <https://doi.org/10.1075/target.19041.bon>
- Bond Jr, C. F., & DePaulo, B. M. (2006). Accuracy of deception judgments. *Personality and social psychology Review*, 10(3), 214-234. https://doi.org/10.1207/s15327957pspr1003_2
- Bond Jr, C. F., & DePaulo, B. M. (2008). Individual differences in judging deception: accuracy and bias. *Psychological bulletin*, 134(4), 477. <https://doi.org/10.1037/0033-2909.134.4.477>
- Bond, C. F., Jr., & Uysal, A. (2007). On lie detection "Wizards." *Law and Human Behavior*, 31(1), 109–115. <https://doi.org/10.1007/s10979-006-9016-1>
- Bond, G. D., Thompson, L. A., & Malloy, D. M. (2005). Vulnerability of older adults to deception in prison and nonprison contexts. *Psychology and aging*, 20(1), 60. <https://doi.org/10.1037/0882-7974.20.1.60>
- Bonta, J., & Andrews, D.A. (2017). *The Psychology of Criminal Conduct* (6^aed.). Routledge.
- Campbell, M. A., & Porter, S. (2002). Pinpointing reality: How well can people judge true and mistaken emotional childhood memories? *Canadian Journal of Behavioural Science / Revue canadienne des sciences du comportement*, 34(4), 217–229. <https://doi.org/10.1037/h0087174>

Caso, L., Palena, N., Carlessi, E., & Vrij, A. (2019). Police accuracy in truth/lie detection when judging baseline interviews. *Psychiatry, Psychology and Law*, 26(6), 841-850. <https://doi.org/10.1080/13218719.2019.1642258>

Coid, J., Yang, M., Ullrich, S., Roberts, A., Moran, P., Bebbington, P., ... & Hare, R. (2009). Psychopathy among prisoners in England and Wales. *International journal of law and psychiatry*, 32(3), 134-141. <https://doi.org/10.1016/j.ijlp.2009.02.008>

Crowne, D. P., & Marlowe, D. (1960). A new scale of social desirability independent of psychopathology. *Journal of Consulting Psychology*, 24(4), 349-354.

Culbertson, S. S., Weyhrauch, W. S., & Waples, C. J. (2016). Behavioral cues as indicators of deception in structured employment interviews. *International Journal of Selection and Assessment*, 24(2). <https://doi.org/10.1111/ijsa.12135>

Culhane, S. E., Kehn, A., Hatz, J., & Hildebrand, M. M. (2015). Are two heads better than one? Assessing the influence of collaborative judgements and presentation mode on deception detection for real and mock transgressions. *Journal of Investigative Psychology and Offender Profiling*, 12(2), 158-170. <https://doi.org/10.1002/jip.1424>

Cunha, O., Braga, T., Gomes, H. S., & Abrunhosa Gonçalves, R. (2020). Psychopathy checklist-revised (PCL-R) factor structure in male perpetrators of intimate partner violence. *Journal of forensic psychology research and practice*, 20(3), 241-263. <https://doi.org/10.1080/24732850.2020.1717279>

Dahling, J. J., Whitaker, B. G., & Levy, P. E. (2009). The development and validation of a new Machiavellianism scale. *Journal of management*, 35(2), 219-257. <https://doi.org/10.1177/0149206308318618>

De Waele, A., Claeys, A. S., & Opgenhaffen, M. (2020). Preparing to face the media in times of crisis: Training spokespersons' verbal and nonverbal cues. *Public Relations Review*, 46(2).

<https://doi.org/10.1016/j.pubrev.2019.101871>

Demetriooff, S., Porter, S., & Baker, A. (2017). I know how you feel: the influence of psychopathic traits on the ability to identify micro-expressions. *Psychology, Crime & Law*, 23(3), 274-290. <https://doi.org/10.1080/1068316X.2016.1247159>

DePaulo, B. M., & Morris, W. L. (2004). Discerning lies from truths: Behavioral cues to deception and the indirect pathway of intuition. *BM DePaulo, WL Morris, ad. by PA Granhag. The detection of deception in forensic contexts//New York: Cambridge*, 15-40.

DOI:10.1017/CBO9780511490071.002

DePaulo, B. M., Lindsay, J. J., Malone, B. E., Muhlenbruck, L., Charlton, K., & Cooper, H. (2003). Cues to deception. *Psychological Bulletin*, 129(1), 74–118.

<https://doi.org/10.1037/0033-2909.129.1.74>

Dinić, B. M., & Jevremov, T. (2021). Trends in research related to the Dark Triad: A bibliometric analysis. *Current Psychology*, 40, 3206-3215. [https://doi.org/10.1007/s12144-](https://doi.org/10.1007/s12144-019-00250-9)

[019-00250-9](https://doi.org/10.1007/s12144-019-00250-9)

Dobrow, J. A. (2016). *The relationship between psychopathic personality traits and lying* (Doctoral dissertation). University of South Florida.

Drouvelis, M., & Pearce, G. (2021). Understanding the link between intelligence and lying.

<http://dx.doi.org/10.2139/ssrn.3898321>

Egan, V., Hughes, N., & Palmer, E. J. (2015). Moral disengagement, the dark triad, and unethical consumer attitudes. *Personality and Individual Differences*, 76, 123-128.

<https://doi.org/10.1016/j.paid.2014.11.054>

Ekman, P. (2001). *Telling lies: Clues to deceit in the marketplace, politics, and marriage*. New York, NY: W.W. Norton & Company, Inc.

Elaad, E. (2009). Lie-detection biases among male police interrogators, prisoners, and laypersons. *Psychological Reports*, 105(3). <https://doi.org/10.2466/PR0.105.F.1047-1056>

Elaad, E. (2022). Deceptive behavior: Effects of rational thinking, narcissism, and self-assessed lie-and truth related abilities. *Sage Open*, 12(2). <https://doi.org/10.1177/21582440221085012>

Elaad, E. (2022). Tunnel vision and confirmation bias among police investigators and laypeople in hypothetical criminal contexts. *Sage Open*, 12(2). <https://doi.org/10.1177/21582440221095022>

Elaad, E., & Reizer, A. (2015). Personality correlates of the self-assessed abilities to tell and detect lies, tell truths, and believe others. *Journal of Individual Differences*. <https://doi.org/10.1027/1614-0001/a000168>

Elaad, E., Hanania, S. B., Mazor, S., & Zvi, L. (2020). The relations between deception, narcissism and self-assessed lie-and truth-related abilities. *Psychiatry, psychology and law*, 27(5), 880-893. <https://doi.org/10.1080/13218719.2020.1751328>

Fatfouta, R. (2023). Going the extra mile (or not): Facets of narcissism and organizational citizenship behavior. *Personality and Individual Differences*, 213. <https://doi.org/10.1016/j.paid.2023.112318>

Frank, M. G., & Ekman, P. (2004). Nonverbal detection of deception in forensic contexts. In W. T. O'Donohue & E. R. Levensky (Eds.), *Handbook of forensic psychology: Resource for mental health and legal professionals* (pp. 635–653). Elsevier Science. <https://doi.org/10.1016/B978-012524196-0/50027-9>

- Frankel, J. (2022). The Narcissistic dynamics of submission: the attraction of the powerless to authoritarian leaders. *The American Journal of Psychoanalysis*, 82(3), 384-404. <https://doi.org/10.1057/s11231-022-09369-4>
- Gamer, M., Rill, H.-G., Vossel, G., & Gödert, H. W. (2006). Psychophysiological and vocal measures in the detection of guilty knowledge. *International Journal of Psychophysiology*, 60(1), 76–87. <https://doi.org/10.1016/j.ijpsycho.2005.05.006>
- Gaspar, J. P., Methasani, R., & Schweitzer, M. E. (2021). Emotional intelligence and deception: A theoretical model and propositions. *Journal of Business Ethics*, 1-18. <https://doi.org/10.1007/s10551-021-04738-y>
- George, J. F., Tilley, P., & Giordano, G. (2014). Sender credibility and deception detection. *Computers in Human Behavior*, 35, 1-11. <https://doi.org/10.1016/j.chb.2014.02.027>
- Giddens, C. L., Barron, K. W., Byrd-Craven, J., Clark, K. F., & Winter, A. S. (2013). Vocal indices of stress: a review. *Journal of voice*, 27(3), 390-e21. <https://doi.org/10.1016/j.jvoice.2012.12.010>
- Gino, F. (2015). Understanding ordinary unethical behavior: Why people who value morality act immorally. *Current opinion in behavioral sciences*, 3, 107-111. <https://doi.org/10.1016/j.cobeha.2015.03.001>
- Gonçalves, R. A. (2007). *Versão portuguesa da checklist de psicopatia-revista (PCL-R) de Robert Hare: Manual de cotação e interpretação*. Braga: Universidade do Minho
- Grohmann, M. Z., & Battistella, L. F. (2012). A Escala de Personalidade Maquiavélica (MPS): Tradução e validação no contexto brasileiro. *Psicol. argum*, 547-557.

Hare, R. D. (1999). *Without conscience: The disturbing world of the psychopaths among us*. Guilford Press.

Hare, R. D. (2003). *Hare psychopathy checklist-revised* (2nd ed.). Toronto, Canada: Multi-Health Systems.

Hare, R. D., & Neumann, C. S. (2008). Psychopathy as a clinical and empirical construct. *Annu. Rev. Clin. Psychol.*, 4, 217-246. DOI: 10.1146/annurev.clinpsy.3.022806.091452

Hartwig, M., & Bond Jr, C. F. (2011). Why do lie-catchers fail? A lens model meta-analysis of human lie judgments. *Psychological bulletin*, 137(4), 643. <https://doi.org/10.1037/a0023589>

Hartwig, M., & Bond Jr, C. F. (2014). Lie detection from multiple cues: A meta-analysis. *Applied Cognitive Psychology*, 28(5), 661-676. <https://doi.org/10.1002/acp.3052>

Hartwig, M., Granhag, P. A., Strömwall, L. A., & Andersson, L. O. (2004). Suspicious Minds: Criminals'ability to detect deception. *Psychology, Crime and Law*, 10(1), 83-95. <https://doi.org/10.1080/1068316031000095485>

Hemphill, J. F., Hare, R. D., & Wong, S. (1998). Psychopathy and recidivism: A review. *Legal and Criminological Psychology*, 3, 139-170. DOI: 10.1111/j.2044-8333.1998.tb00355.x.

Henningsen, D. D., Valde, K. S., & Davies, E. (2005). Exploring the effect of verbal and nonverbal cues on perceptions of deception. *Communication Quarterly*, 53(3), 359-375. <https://doi.org/10.1080/01463370500101329>

Jonason, P. K., Lyons, M., Baughman, H. M., & Vernon, P. A. (2014). What a tangled web we weave: The Dark Triad traits and deception. *Personality and Individual Differences, 70*, 117-119. <https://doi.org/10.1016/j.paid.2014.06.038>

Jonason, P. K., Wee, S., & Li, N. P. (2014). Thinking bigger and better about “bad apples”: Evolutionary industrial–organizational psychology and the dark triad. *Industrial and Organizational Psychology, 7*(1), 117-121. DOI: 10.1111/iops.12118.

Jupe, L. M., Vrij, A., Leal, S., & Nahari, G. (2018). Are you for real? Exploring language use and unexpected process questions within the detection of identity deception. *Applied Cognitive Psychology, 32*(5), 622-634. <https://doi.org/10.1002/acp.3446>

Jupe, L., Akehurst, L., Vernham, Z., & Allen, J. (2016). Teenage offenders' ability to detect deception in their peers. *Applied Cognitive Psychology, 30*(3), 401-408. <https://doi.org/10.1002/acp.3214>

Klaver, J. R., Lee, Z., & Hart, S. D. (2007). Psychopathy and nonverbal indicators of deception in offenders. *Law and human behavior, 31*, 337-351. DOI:10.1007/s10979-006-9063-7

Klaver, J. R., Lee, Z., Spidel, A., & Hart, S. D. (2009). Psychopathy and deception detection using indirect measures. *Legal and Criminological Psychology, 14*(1), 171-182. <https://doi.org/10.1348/135532508X289964>

Krizan, Z., & Herlache, A. D. (2018). The narcissism spectrum model: A synthetic view of narcissistic personality. *Personality and Social Psychology Review, 22*(1), 3-31. <https://doi.org/10.1177/1088868316685018>

Kruzic, C. O., Kruzic, D., Herrera, F., & Bailenson, J. (2020). Facial Expressions Contribute More than Body Movements to Conversational Outcomes in Avatar-Mediated Virtual Environments. *Scientific Reports 10*, 1 (Dec. 2020), 20626.

Larson, M., Vaughn, M. G., Salas-Wright, C. P., & Delisi, M. (2015). Narcissism, low self-control, and violence among a nationally representative sample. *Criminal justice and behavior*, 42(6), 644-661. <https://doi.org/10.1177/0093854814553097>

Loy, J. E., Rohde, H., & Corley, M. (2018). Cues to lying may be deceptive: Speaker and listener behaviour in an interactive game of deception. *Journal of Cognition*, 1(1). <https://doi.org/10.5334/joc.46>

Lyons, M., Croft, A., Fairhurst, S., Varley, K., & Wilson, C. (2017). Seeing through crocodile tears? Sex-specific associations between the Dark Triad traits and lie detection accuracy. *Personality and individual differences*, 113, 1-4. <https://doi.org/10.1016/j.paid.2017.03.008>

Lyons, M., Healy, N., & Bruno, D. (2013). It takes one to know one: Relationship between lie detection and psychopathy. *Personality and individual differences*, 55(6), 676-679. <https://doi.org/10.1016/j.paid.2013.05.018>

Malesky, A., Isenberg, A. N., & McCord, D. (2021). Personality characteristics of the successful liar. *Journal of Investigative Psychology and Offender Profiling*, 18(2), 142-154. <https://doi.org/10.1002/jip.1572>

Mann, S., Vrij, A., Nasholm, E., Warmelink, L., Leal, S., & Forrester, D. (2012). The direction of deception: Neuro-linguistic programming as a lie detection tool. *Journal of Police and Criminal Psychology*, 27, 160-166. DOI:10.1007/s11896-011-9097-8.

Markowitz, D. M. (2021). Toward a theory of prolific liars: Building a profile of situational, dispositional, and communication characteristics. *Communication Research*. DOI: 10.31234/osf.io/p3y4x

Markowitz, D. M. (2023). Toward a deeper understanding of prolific lying: Building a profile of situation-level and individual-level characteristics. *Communication Research*, 50(1), 80-105. <https://doi.org/10.31234/osf.io/p3y4x>

Martin, K., & Leach, A. M. (2013). Psychopathy and deception detection. *Personality and mental health*, 7(2), 154-159. <https://doi.org/10.1002/pmh.1215>

Martinovic, D., Tokic, D., Martinovic, L., Rakusic, M., Kumric, M., Rusic, D., ... & Bozic, J. (2022). Orthorexia nervosa and its association with narcissism in fitness center users. *Eating and Weight Disorders-Studies on Anorexia, Bulimia and Obesity*, 27(6), 2155-2163. <https://doi.org/10.1007/s40519-022-01368-9>

Masip, J., Bethencourt, M., Lucas, G., SEGUNDO, M. S. S., & Herrero, C. (2012). Deception detection from written accounts. *Scandinavian Journal of Psychology*, 53(2), 103-111. <https://doi.org/10.1111/j.1467-9450.2011.00931.x>

Mazza, C., Monaro, M., Orrù, G., Burla, F., Colasanti, M., Ferracuti, S., & Roma, P. (2019). Introducing machine learning to detect personality faking-good in a male sample: a new model based on Minnesota multiphasic personality inventory-2 restructured form scales and reaction times. *Frontiers in psychiatry*, 10, 389. <https://doi.org/10.3389/fpsy.2019.00389>

Mendes, R. M. S. (2015). *Avaliação da psicopatia e dos fatores de avaliação do risco de reincidência geral em traficantes de estupefacientes* (Doctoral dissertation). Instituto Universitário Ciências Psicológicas, Sociais e da Vida.

Michels, M., Molz, G., & Genannt BERPPOHL, F. M. (2020). The ability to lie and its relations to the dark triad and general intelligence. *Personality and Individual Differences*, 166. <https://doi.org/10.1016/j.paid.2020.110195>

Miller, B. K., Smart, D. L., & Rechner, P. L. (2015). Confirmatory factor analysis of the Machiavellian Personality Scale. *Personality and individual differences*, 82, 120-124. <https://doi.org/10.1016/j.paid.2015.03.022>

Millspaugh, S. B. (2021). *Multigroup Confirmatory Factor Analyses of the Psychopathy Checklist-Revised among Male and Female Offenders* (Doctoral dissertation). Rosalind Franklin University of Medicine and Science.

Millspaugh, S. B., Vaudreuil, E. T., Walsh, Z., & Kosson, D. S. (2022). The relationship between psychopathy and conviction rates: Examining the conviction-to-charge ratio. *Psychology, Crime & Law*, 28(4), 315-341. <https://doi.org/10.1080/1068316X.2021.1909015>

Mirsadikov, A., & George, J. (2023). Can you see me lying? Investigating the role of deception on gaze behavior. *International Journal of Human-Computer Studies*, 174. <https://doi.org/10.1016/j.ijhcs.2023.103010>

Nahari, G., & Ben-Shakhar, G. (2013). Primacy effect in credibility judgements: The vulnerability of verbal cues to biased interpretations. *Applied Cognitive Psychology*, 27(2), 247-255. <https://doi.org/10.1002/acp.2901>

Nortje, A., & Tredoux, C. (2019). How good are we at detecting deception? A review of current techniques and theories. *South African Journal of Psychology*, 49(4), 491-504. <https://doi.org/10.1177/0081246318822953>

Oliveira, N. (2018). *Avaliação da Capacidade dos Órgãos Polícia Criminal em Detetar a Mentira*. (Dissertação Mestrado). Instituto Superior de Ciências Policiais e Segurança Interna.

O'Reilly III, C. A., & Doerr, B. (2020). Conceit and deceit: Lying, cheating, and stealing among grandiose narcissists. *Personality and Individual Differences, 154*.

<https://doi.org/10.1016/j.paid.2019.109627>

O'Sullivan, M. (2007). Unicorns or Tiger Woods: Are lie detection experts myths or rarities? A response to On lie detection "Wizards' by Bond and Uysal. *Law and Human Behavior, 31*(1), 117–123. <https://doi.org/10.1007/s10979-006-9058-4>

Paulhus, D. L., & Williams, K. M. (2002). The dark triad of personality: Narcissism, Machiavellianism, and psychopathy. *Journal of research in personality, 36*(6), 556-563. [https://doi.org/10.1016/S0092-6566\(02\)00505-6](https://doi.org/10.1016/S0092-6566(02)00505-6)

Peace, K. A., & Sinclair, S. M. (2012). Cold-blooded lie catchers? An investigation of psychopathy, emotional processing, and deception detection. *Legal and Criminological Psychology, 17*(1), 177-191. DOI:10.1348/135532510X524789

Pechorro, P., Hidalgo, V., Nunes, C., & Jiménez, L. (2016). Confirmatory factor analysis of the Antisocial Process Screening Device: Self-Report among incarcerated male juvenile offenders. *International Journal of Offender Therapy and Comparative Criminology, 60*(16), 1856-1872. <https://doi.org/10.1177/0306624X15588903>

Pechorro, P., Nunes, C., Gonçalves, R., Simões, M., & Oliveira, J.P. (2019). Estudo de validação do Inventário de Personalidade Narcísica – 13 em uma amostra escolar de jovens portugueses. *Revista Iberoamericana de Diagnóstico y Evaluación Psicológica, 50*(1), 71-81. <https://doi.org/10.21865/RIDEP50.1.06>

Póinhos, R., Correia, F., Faneca, M., Ferreira, J., Gonçalves, C., Pinhão, S. & Medina, J. L. (2008). Desejabilidade social e barreiras ao cumprimento da terapêutica dietética em mulheres com excesso de peso. *Acta Médica Portuguesa, 21*(3), 221-228

Reinhard, M. A., Scharmach, M., & Müller, P. (2013). It's not what you are, it's what you know: Experience, beliefs, and the detection of deception in employment interviews. *Journal of Applied Social Psychology, 43*(3), 467-479. <https://doi.org/10.1111/j.1559-1816.2013.01011.x>

Roulin, N., & Ternes, M. (2019). Is it time to kill the detection wizard? Emotional intelligence does not facilitate deception detection. *Personality and Individual Differences, 137*, 131-138. <https://doi.org/10.1016/j.paid.2018.08.020>

Said, N., Volz, S., Reinhard, M. A., Müller, P., & Huff, M. (2022). Do people know when they are good at spotting liars? –Metacognitive efficiency in Lie Detection. <https://doi.org/10.31234/osf.io/v6nbd>

Santos, L. G. D. (2020). *Liderança autêntica, maquiavélica e maquiavelicamente autêntica: impactos na motivação intrínseca e extrínseca dos seguidores* (Doctoral dissertation). Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas.

Schindler, S., Wagner, L. K., Reinhard, M. A., Ruhara, N., Pfattheicher, S., & Nitschke, J. (2021). Are criminals better lie detectors? Investigating offenders' abilities in the context of deception detection. *Applied Cognitive Psychology, 35*(1), 203-214. <https://doi.org/10.1002/acp.3755>

Semrad, M., & Scott-Parker, B. (2020). Police, personality and the ability to deceive. *International Journal of Police Science & Management, 22*(1), 50-61. <https://doi.org/10.1177/1461355719880568>

Semrad, M., Scott-Parker, B., & Nagel, M. (2019). Personality traits of a good liar: A systematic review of the literature. *Personality and Individual Differences, 147*, 306-316. <https://doi.org/10.1016/j.paid.2019.05.007>

Serota, K. B., & Levine, T. R. (2015). A few prolific liars: Variation in the prevalence of lying. *Journal of Language and Social Psychology, 34*(2), 138-157.

<https://doi.org/10.1177/0261927X14528804>

Serota, K. B., Levine, T. R., & Docan-Morgan, T. (2022). Unpacking variation in lie prevalence: Prolific liars, bad lie days, or both?. *Communication Monographs, 89*(3), 307-331.

<https://doi.org/10.1080/03637751.2021.1985153>

Shaw, H., & Lyons, M. (2017). Lie detection accuracy—The role of age and the use of emotions as a reliable cue. *Journal of Police and Criminal Psychology, 32*, 300-304. DOI 10.1007/s11896-016-9222-9.

Silva, P. I. T. M. D. (2015). *Perturbações da personalidade e psicopatia: estudo numa população reclusa e ex-reclusa* (Master's thesis). Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias.

Silvestre, M. J. A. (2011). *Marlowe-Crowne Social Desirability Scale (MCSDS): Estudo de validação numa amostra de adolescentes delinquentes institucionalizados em Centros Educativos* (Master's thesis). Universidade de Coimbra.

Simões, M. R., Almeida, L. S., & Gonçalves, M. M. (2017). *Psicologia forense: instrumentos de avaliação*. Pactor.

Simões, M. R., Almiro, P., Lucas, S., & Sousa, L. B. (2010). *Marlow-Crowne Social Desirability Scale: Versão portuguesa adaptada*. Coimbra: Serviço de Avaliação Psicológica, Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade de Coimbra.

Sporer, S. L., & Schwandt, B. (2007). Moderators of nonverbal indicators of deception: A meta-analytic synthesis. *Psychology, Public Policy, and Law, 13*(1), 1.

<https://doi.org/10.1037/1076-8971.13.1.1>

Su, L., & Levine, M. (2016). Does “lie to me” lie to you? An evaluation of facial clues to high-stakes deception. *Computer Vision and Image Understanding*, 147, 52-68.

<https://doi.org/10.1016/j.cviu.2016.01.009>

Szabó, E., Körmendi, A., Kurucz, G., Cropley, D., Olajos, T., & Pataky, N. (2022). Personality traits as predictors of malevolent creative ideation in offenders. *Behavioral Sciences*, 12(7).

<https://doi.org/10.3390/bs12070242>

Tigue, C. C., Borak, D. J., O'Connor, J. J., Schandl, C., & Feinberg, D. R. (2012). Voice pitch influences voting behavior. *Evolution and Human Behavior*, 33(3), 210-216.

<https://doi.org/10.1016/j.evolhumbehav.2011.09.004>

Turi, A., Rebeleş, M. R., & Visu-Petra, L. (2022). The tangled webs they weave: A scoping review of deception detection and production in relation to Dark Triad traits. *Acta Psychologica*, 226.

<https://doi.org/10.1016/j.actpsy.2022.103574>

Ulatowska, J., & Cislak, A. (2022). Power and lie detection. *Plos one*, 17(6).

<https://doi.org/10.1371/journal.pone.0269121>

Van Bockstaele, B., Verschuere, B., Moens, T., Suchotzki, K., Debey, E., & Spruyt, A. (2012). Learning to lie: Effects of practice on the cognitive cost of lying. *Frontiers in psychology*, 3,

526. <https://doi.org/10.3389/fpsyg.2012.00526>

Van't Veer, A., Stel, M., & van Beest, I. (2014). Limited capacity to lie: Cognitive load interferes with being dishonest. *Judgment and Decision making*, 9(3), 199–206.

<https://doi.org/10.2139/ssrn.2351377>

Vrij, A. (2008). *Detecting Lies and Deceit: Pitfalls and Opportunities* (2^aed.). John Wiley & Sons.

Vrij, A. (2019). Deception and truth detection when analyzing nonverbal and verbal cues. *Applied Cognitive Psychology*, 33(2), 160-167. <https://doi.org/10.1002/acp.3457>

Vrij, A., & Mann, S. (2006). Criteria-Based Content Analysis: An empirical test of its underlying processes. *Psychology, Crime & Law*, 12(4), 337-349. <https://doi.org/10.1080/10683160500129007>

Vrij, A., Granhag, P. A., & Porter, S. (2010). Pitfalls and opportunities in nonverbal and verbal lie detection. *Psychological science in the public interest*, 11(3), 89-121. <https://doi.org/10.1177/1529100610390861>

Warren, G., Schertler, E., & Bull, P. (2009). Detecting deception from emotional and unemotional cues. *Journal of Nonverbal Behavior*, 33, 59-69. DOI 10.1007/s10919-008-0057-7

Wechsler, D. (2008). WAIS-III: Manual da Escala de Inteligência de Wechsler para Adultos – 3ª Edição. Lisboa: CEGOC-TEA [Hogrefe].

Wheeler, S., Book, A., & Costello, K. (2009). Psychopathic traits and perceptions of victim vulnerability. *Criminal Justice and Behavior*, 36(6), 635-648. <https://doi.org/10.1177/0093854809333958>

Williams, K. M., Paulhus, D. L., & Hare, R. D. (2007). Capturing the four-factor structure of psychopathy in college students via self-report. *Journal of personality assessment*, 88(2), 205-219. <https://doi.org/10.1080/00223890701268074>

Wissing, B. G., & Reinhard, M. A. (2017). The dark triad and the PID-5 maladaptive personality traits: accuracy, confidence and response bias in judgments of veracity. *Frontiers in psychology*, 8. DOI: 10.3389/fpsyg.2017.01549

Wissing, B. G., & Reinhard, M. A. (2019). The dark triad and deception perceptions. *Frontiers in Psychology, 10*, 1811. <https://doi.org/10.3389/fpsyg.2019.01811>

Wright Whelan, C., Wagstaff, G. F., & Wheatcroft, J. M. (2014). High-stakes lies: Verbal and nonverbal cues to deception in public appeals for help with missing or murdered relatives. *Psychiatry, Psychology and Law, 21*(4), 523-537. <https://doi.org/10.1080/13218719.2013.839931>

Wright Whelan, C., Wagstaff, G. F., & Wheatcroft, J. M. (2015). Subjective cues to deception/honesty in a high stakes situation: An exploratory approach. *The Journal of psychology, 149*(5), 517-534. <https://doi.org/10.1080/00223980.2014.911140>

Wright, G. R., Berry, C. J., & Bird, G. (2012). “You can't kid a kidder”: association between production and detection of deception in an interactive deception task. *Frontiers in human neuroscience, 6*. DOI: 10.3389/fnhum.2012.00087

Wright, G. R., Berry, C. J., Catmur, C., & Bird, G. (2015). Good liars are neither ‘dark’ nor self-deceptive. *PloS one, 10*(6). <https://doi.org/10.1371/journal.pone.0127315>

Zhang, Z., McGettigan, C., & Belyk, M. (2022). Speech timing cues reveal deceptive speech in social deduction board games. *Plos one, 17*(2). <https://doi.org/10.1371/journal.pone.0263852>

Zloteanu, M., Salman, N. L., Krumhuber, E. G., & Richardson, D. C. (2022). Looking guilty: Handcuffing suspects influences judgements of deception. *Journal of Investigative Psychology and Offender Profiling, 19*(3), 231-247. <https://doi.org/10.1002/jip.1597>

ANEXOS

Anexo A- Resultados Teste Kruskal-Wallis para as variáveis sociodemográficas

Tabela 4. Resultados Teste Kruskal-Wallis

Variável	χ^2	Df	p
Escolaridade	18.798	2	<.001
Idade	11.434	2	.003

Tabela 5. Resultados Comparações Múltiplas variável Escolaridade

Grupo	χ^2	p
Guardas- Reclusos	4.570	<.001
Guardas- Pop Geral	4.886	<.001
Reclusos- Pop Geral	4.570	.757

Tabela 6. Resultados Comparações Múltiplas variável Idade

Grupo	χ^2	p
Guardas- Reclusos	4.972	.002
Guardas- Pop Geral	5.315	.004
Reclusos- Pop Geral	4.972	.988

Anexo B- Resultados Teste Kruskal-Wallis para a variável Personalidade

Tabela 7. Resultados Teste Kruskal-Wallis

Variável	χ^2	df	p
MPS	19.19	2	<.001
NPI-13	6.06	2	.048
PCL-R	11.43	2	.003

Tabela 8. Resultados Comparações Múltiplas variável Maquiavelismo

Grupo	χ^2	P
Guardas-Reclusos	4.973	<.001
Guardas-Pop Geral	5.317	.017
Reclusos-Pop Geral	4.973	.069

Tabela 9. Resultados Comparações Múltiplas variável Narcisismo

Grupo	χ^2	P
Guardas-Reclusos	4.952	.030
Guardas- Pop Geral	5.294	.032
Reclusos-Pop Geral	4.952	.897

Tabela 10. Resultados Comparações Múltiplas variável Psicopatia

Grupo	χ^2	P
Reclusos-Guardas	4.972	.001
Reclusos-Pop Geral	4.972	.026
Guardas-Pop Geral	5.31	.337

Anexo C- Resultados Teste Kruskal-Wallis para a variável Precisão da Detecção

Tabela 11. Resultados Teste Kruskal-Wallis

	χ^2	df	p
Variável			
Precisão	7.807	2	.020

Tabela 12. Resultados Comparações Múltiplas variável Precisão

	χ^2	P
Grupo		
Guardas-Reclusos	4.746	.751
Guardas-Pop Geral	5.074	.012
Reclusos-Pop Geral	4.746	.018

Anexo D- Tabela de classificação do QI

	Reclusos		População Geral		Guardas Prisionais	
	N	%	N	%	N	%
Inferior	1	5	1	6.7		
Médio Inferior	3	15	2	13.3		
Médio	11	55	9	60	2	13.3
Médio Superior	2	10	2	13	4	26.7
Superior	3	15	1	6.7	6	40
Muito superior					3	20

Anexo E- Tabela de distribuição de respostas certas e erradas por vídeo

Vídeo		Reclusos		Pop geral		Guardas	
		N	%	N	%	N	%
S1 (A/B)	Certo	15	75	10	66.7	13	86.7
	Errado	5	25	5	33.3	2	13.3
S2 (A/B)	Certo	18	90	4	26.7	10	66.7
	Errado	2	10	11	73.3	5	33.3
S3 (A/B)	Certo	13	65	8	53.3	11	73.3
	Errado	7	35	7	46.7	4	26.7
S4 (A/B)	Certo	16	80	12	80	14	93.3
	Errado	4	20	3	20	1	6.7
Total		20		15		15	

Anexo F- Visão geral e descrições dos comportamentos identificados pelos participantes na análise das gravações

Indicadores	Descrição
Características Vocais	<ol style="list-style-type: none"> 1. Hesitações no discurso: uso de “ah”, “hum”, “oh”, etc 2. Erros no discurso: repetição de palavras/sentenças, modificação de sentenças, sentenças incompletas, etc. 3. Tonalidade da voz: modificações na tonalidade da voz, incluindo subidas ou diminuições mais ou menos bruscas 4. Velocidade do discurso: número de palavras faladas num determinado período 5. Frequência das pausas: frequência dos períodos de silêncio durante o discurso 6. Duração das pausas: dimensão dos períodos de silêncio durante o discurso 7. Respiração ofegante
Caraterísticas Verbais	<ol style="list-style-type: none"> 8. Respostas diretas e curtas 9. Informação irrelevante para o contexto e que não foi questionada 10. Depoimentos generalizados, indiretos e sem autorreferências 11. Excesso de confiança nos depoimentos
Caraterísticas Faciais	<ol style="list-style-type: none"> 12. Olhar fixo: olhar fixamente para a face do outro 13. Ausência de contacto ocular 14. Expressões faciais: expressões evidenciadas pelo entrevistado indicando as suas emoções durante o momento da interação 15. Sorrisos e gargalhadas 16. Piscar: “piscar os olhos” 17. Apertar os lábios
Movimentos	<ol style="list-style-type: none"> 18. Autocontrolo: o entrevistado demonstra tentar controlar o seu comportamento, nomeadamente os movimentos corporais e o seu discurso 19. Automanipluações: “coçar a cabeça”, “as mãos”, “coçar a barriga” 20. Movimentos que acompanham o discurso (Illustrators): movimentos funcionais da mão e do braço utilizados para modificar e/ou reforçar o que foi dito verbalmente 21. Movimentos das mãos e dos dedos: movimentos não funcionais das mãos ou dos dedos sem movimentos complementares dos braços 22. Movimentos do tronco: usualmente acompanhados de movimentos da cabeça) 23. Mudanças de posição: movimentos com o objetivo de alterar a posição (quando sentado) acompanhados por movimentos do tronco 24. Tranquilidade: o indivíduo não aparenta sinais de nervosismo/tensão 25. Nervosismo/tensão

Anexo G– Tabela das percentagens das pistas que os guardas prisionais utilizaram na análise das gravações

Pistas	Amostragem pistas n= 49	
	N	%
Erros no discurso	13	26.5
Frequência das pausas	3	6.1
Informação irrelevante	2	4.1
Ausência de contacto ocular	9	18.4
Automanipulações	2	4.1
Expressões faciais	5	10.2
Sorriso	6	12.2
Illustrators	3	6.1
Nervosismo	6	12.2

Anexo H– Tabela das percentagens das pistas que a população geral utilizou na análise das gravações

Pistas	Amostragem pistas n=55	
	N	%
Hesitações no discurso	4	7.3
Frequência das pausas	4	7.3
Ausência de contacto ocular	15	27.3
Sorriso	7	12.7
Movimentos do tronco	9	16.4
Nervosismo	10	18.1
Expressões faciais	6	10.9

Anexo I- Tabela das percentagens das pistas que os reclusos utilizaram na análise das gravações

Pistas	Amostragem pistas n= 155	
	N	%
Hesitações no discurso	3	1.9
Erros no discurso	16	10.3
Tonalidade da voz	7	4.5
Velocidade do discurso	4	2.6
Frequência das pausas	10	6.5
Duração das pausas	10	6.5
Respiração ofegante	3	1.9
Respostas diretas e curtas	5	3.2
Informação irrelevante	19	12.3
Depoimentos generalizados, indiretos e sem autorreferências	5	3.2
Excesso de confiança nos depoimentos	9	5.8
Olhar fixo	6	3.9
Ausência de contacto ocular	2	1.3
Sorriso	7	4.5
Piscar	6	3.9
Apertar os lábios	3	1.9
Autocontrolo	7	4.5
Automanipulações	2	1.3
Illustrators	3	1.9
Movimentos das mãos e dos dedos	4	2.6
Mudanças de posição	4	2.6
Tranquilidade	8	5.2
Nervosismo	12	7.7